A CLASSE OPERÁRIA

RIO DE JANEIRO, 14 DE JUNHO DE 1947 — ANO II — NÚMERO 77

Mobilização De Massas Em Defesa Dos Mandatos

Em discurso na Câmara Federal, o deputado comunista João Amazonas alertou energicamente o Parlamento e todo o povo brasileiro contra a manobra com que o grupo fascista chefiado pelo general Dutra pretende dar mais um passo para a consolidação da ditadura. Essa manobra — é do conhecimento geral — visa a cassação do mandato dos representantes comunistas no Congresso Federal, nas constituintes estaduais e no Conselho de vereadores do Distrito Federal.

O deputado João Amazonas tornou perfeitamente claros, mais uma vez, os motivos anti-patrióticos, criminais dessa grosseira manobra. "O povo não é tão ignorante quanto supõem os traidores", afirmou o líder operário. E, em verdade, o povo sabe que, no fundo de toda a intriga, se trata de calar a voz dos democratas mais consequentes e corajosos, no momento em que a doutrina Truman entra na sua fase de concretização. Para aqueles, que desejam amarrar a nossa Pátria ao carro de guerra do imperialismo ianque, para aqueles que odeiam o povo brasileiro e querem aprofundar a exploração das suas riquezas, do seu suor e dos seus direitos, a voz dos comunistas, da mais alta tribuna do país, tem soado como impiedosa acusação, como implacável desmascaramento. Daí o ridículo criado pela "comissão dos cinco sábios da ignorância", sob a presidência do inepto Honorio Monteiro, forcejando sôfregamente por encontrar uma "fórmula" jurídica, que comporte o afastamento dos mandatários comunistas

Essa "fórmula" seria a entrega do caso ao judiciário, a fim de promover a "extinção" dos mandatos, uma vez que a "cassação", por dispositivo constitucional, é faculdade exclusiva do Congresso. E' através de um "passe de mágica" tão imbecil, que se pretende consumar o próximo atentado anti-democrático. Abordando o problema, mostrou o deputado Amazonas o caráter chocante desse truque, através do qual o Judiciário, mais uma vez curvando-se à pressão dos fascistas, irá julgar do que não é da sua alçada, mas únicamente da competência do Poder Legislativo.

"Mas não se trata — advertiu Amazonas— de invocar argumentos jurídicos, uma vez que, subvertida a ordem constitucional, pouco vale invocar a lei. O problema é, antes de tudo e fundamentalmente, de ordem política. O problema está colocado, em primeiro lugar, diante do Congresso Nacional, a quem cabe impedir a sua mutilação, defender a democracia, garantindo a própria existência da casa dos representantes do povo. O Congresso está colocado diante da alternativa de se defender, assegurando os direitos de uma bancada eleita por mais de meio milhão de votos, ou de subscrever a própria sentença de morte. Um Congresso capitulacionista deixará de merecer, em definitivo, o respeito do próprio povo, que não poderá considerar seus representantes os covardes e os traidores. Ainda é tempo para uma reação enérgica e eficaz de todos os os partidos com assento no Parlamento Federal. E é o que, hoje, aguardam milhões de brasileiros.

Na parte final do seu discurso, o deputado João Amazonas, depois de recordar a atuação patriótica, que sempre teve o Partido Comunista, motivo por que os deputados eleitos sob a sua legenda não carecem de pedir clemência diante do golpe, que os ameaça, continuando, bem ao contrário, na luta intransigente pela democracia e pela defesa da soberania nacional, dirigiu-se, da própria tribuna do Parlamento, a todo o povo brasileiro, num apêlo veemente para que se mobilize contra a manobra, que visa cassar os mandatos de seus representantes.

O povo brasileiro saberá transformar a tentativa de cassação dos mandatos em campanha, mais enérgica ainda, pela renúncia do ditador Dutra e o consequente afastamento de postos-chave do governo dos Costa Neto, Alcio Souto, Canrobert e demais parceiros. Não só os cidadãos que depositaram nas urnas o seu voto de confiança nos candidatos comunistas, não só aqueles que inscreveram o seu nome nas fileiras do Partido de Luiz Carlos Prestes, mas as grandes massas do proletariado e do povo se levantarão, por todo o país, numa campanha do mais vigoroso civismo, que obrigará a camarilha fascista a recuar e, dessa maneira, a abrir caminho ao retorno da ordem constitucional.

NÃO ESTÁ NA ARGENTINA O NOSSO INIMIGO

E' um fato claro e evidente a todo o povo brasileiro que o cancelamento do registro do Partido Comunista do Brasil resultou não só da pressão do pequeno grupo fascista que infelicita nossa Pátria, mas fundamentalmente da ação direta do imperialismo ianqui. A prova disso é que uma vez fechado o Partido Comunista a ofensiva imperialista aumentou com grande intensidade contra os povos da América Latina. O Plano Truman, cuja aplicação vinha sendo feita com certa discreção, surge aberta e cinicamente, sem o menor respeito pela soberania e pela independência dos povos.

E' que os imperialistas e os seus agentes nacionais pensam haver calado a voz patriótica dos comunistas, daqueles que têm desmascarado tôdas as manobras contra os interêsses do nosso povo, que denunciaram a provocação guerreira do Livro Azul cujo objetivo era provocar conflito entre povos irmãos da América do Sul.

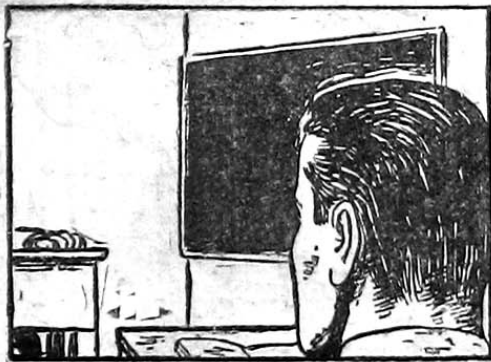
Assim, uma vez atingida sua finalidade — cancelar o registro eleitoral do Partido, — voltou o imperialismo ianqui, através de seus lacáios, a criar com grande estardalhaço um clima de agitação guerreira contra a Argentina. Esta campanha orientada por um centro único é parte da aplicação da «doutrina Truman» a êste Continente. Inúmeros jornais reacionários e velhas raposas da politicagem «descobrem» com grande escândalo o imperialismo argentino e um regimen fascista no país irmão. Ao invés de se colocarem contra o maior perigo que ameaça a nossa Pátria — o imperialismo ianqui —, estão na prática ajudando a escravisação de nosso povo e fomentando uma guerra no Continente que só virá favorecer aos grandes capitalistas da Wall Street, aos fornecedores de armas norte-americanas.

Desde o cancelamento do registro do Partido Comunista surgem manifestações claramente guerreiras contra a República Argentina. Há poucos dias o Sr. Alceu de Amoroso Lima, em conferência pública, alertava sôbre o perigo argentino. Em seu rastro o conhecido romancista José Lins do Rêgo publicara também alarmado, sôbre o mesmo assunto, dois artigos no conhecido órgão provocador «O Globo». E, ainda batendo na mesma tecla, o Sr. Nemo Canabarro Lucas, à cata de novas aventuras, advertia contra a ameaça que vem do Prata. Para completar o quadro de agitação anti-Argentina, e para dar maior relêvo a esta campanha, surge o deputado Flores da Cunha, com um discurso na Câmara, sôbre pretensos planos de Peron contra o nosso país. Não satisfeito, requer uma sessão secreta de uma das casas do Poder Legislativo cujo desenrolar a imprensa reacionária noticiou com as maiores deturpações tendo em mira criar animosidade contra o povo irmão da República Argentina.

Tôda esta campanha organizada, tem por objetivo a deflagração de uma guerra no Continente, tramada por agentes diretos do capital financeiro, uma guerra injusta e inter-imperialista com a finalidade de aniquilar a democracia e a independência dos povos latino-americanos. Contra a preparação de uma guerra de tal natureza colocar-se-ão decididamente os comunistas e tudo farão para manter a paz, desmascarar os manejos guerreiros dos imperialistas e defenderão intransigentemente a auto-determinação dos povos contra a intervenção estrangeira.

Nesta hora cabe a todo patriota e democrata lutar pela maior aproximação entre o povo brasileiro e o povo argentino, para a luta comum contra o Plano Truman, porque a ameaça dos imperialistas é contra os países do Continente. Não é a Argentina, um país atrazado e semi-colonial como o nosso, que nos ameaça, mas os «trusts» e monopólios norte-americanos, que se aproveitam, principalmente depois da morte de Roosevelt, da debilidade econômica dos países da América Latina para, através do govêrno Truman, controlar as nações do hemisfério. E tudo farão para quebrar as últimas resistências ao plano de dominação imperialista. Esta é a razão que explica a ofensiva contra a República Argentina, cujo govêrno ao que parece, ainda resiste à pressão ianque, ofensiva que, sem dúvida, poderá levar à provocação de um conflito armado.

No dia 10 do corrente um telegrama de Washington informava que o representante republicano pela Pensylvania, Hugh D. Scott Jr. denunciara a padronização dos armamentos do Hemisfério «como uma corrida armamentista». Isto prova como o Plano Truman é o mais sério fator de guerra no Continente, não sendo portanto por acaso que, enquanto se procura concretizar a uniformização dos armamentos, se desencadeia uma campanha de preparação guerreira em nosso país.

E esta campanha irá se avolumando no país, à medida que novos golpes forem assestados contra a democracia. Por isso hoje a luta pela paz está intimamente ligada à luta contra a ditadura em nossa Pátria, pela renúncia do Sr. Gaspar Dutra. Ao contrário dos falsos democratas que vêm fascismo e ameaça imperialista, na república portenha, os legítimos patriotas conduzem a sua luta contra as fôrças reacionárias internas e o inimigo externo: o imperialismo norte-americano.

1 — Neste momento difícil da vida do nosso país, quando mais uma ditadura se implanta, apoiada num pequeno grupo de generais fascistas, os trabalhadores e o povo brasileiros se voltam para Prestes. Fartos dos falsos democratas, dos agentes imperialistas, dos homens do mercado nêgro e dos lucros extraordinários, fartos de opressão e miséria, os trabalhadores e o povo confiam em Prestes

2 — Relembram sua vida de lutas e sofrimentos, desde os primeiros anos da Escola Militar, quando, o melhor entre os melhores alunos, já mostrava ser um amigo dos pobres e dos oprimidos. "Desde pequeno demonstrou uma compreensão da vida fora do comum. Era sensato, criterioso, muito sensivel" — escrevia sua própria mãe, a heroina que jâmais deixou de lutar — d. Leocádia Prestes

3 — Foi essa sensibilidade que fez do modesto aluno da Escola Militar do Realengo onde um de seus contemporâneos, depois capitão José Rodrigues, o descreve como "um gênio" enquanto os mais destacados eram apenas talentos — foi essa sensatez de que fala d. Leocádia, que fez de Prestes um homem das grandes massas, um ídolo do povo, desde a marcha da Coluna Invicta, em 1924. (Cont. na 3.ª pág.)

[illegible] SÓ PARTIDO...

(Conclusão da 4.ª pág.)

celências que lhes possam ser atribuidas, uma vez que estão se desenvolvendo ou atendendo às necessidades do povo num mundo capitalista, isto é, numa sociedade de classes. Nas democracias não-socialistas, os partidos são essenciais, para que os vários grupos da população possam exercer sua influência, na direção em que desejarem. As coalizões de partidos populares ou coalizões do partidos unidos à base de uma legislação progressista e mesmo de profundas reformas, tais como existem agora em alguns dos paises libertados na Europa, são uma necessidade, uma vez que os objetivos politicos do povo estão por ser atingidos. Mas a democracia soviética atingiu a unidade na base do socialismo, abrangendo todos os interêsses do povo. Isso significa um passo à frente das coalizões, significa ter atingido o ponto da unidade política.

De acôrdo com a convicção do povo soviético, a existência de múltiplos partidos, à luz dessa comparação histórica, só podia representar um passo para trás, e não para a frente. E' lógico, por conseguinte, que por mais ansioso que esteja o povo soviético para convencer o Ocidente de que seu país é democrático, êle se recusará a criar a ilusão da falta de unidade, formando outros partidos, tão sòmente para convencer o Ocidente do quanto é essencial sua unidade. E acha naturalmente que isso seria pedir demais."

A Constituição da União Soviética torna bastante claro que o Partido Comunista é uma das muitas organizações que agora partilham da direção política do país. Embora as outras organizações não sejam partidos políticos, no sentido usual da palavra porque têm funções especificas para as quais foram formadas, como os sindicatos, os corpos cientificos, as cooperativas, e as fazendas coletivas, etc., têm também as funções que são comumente associadas à vida dos partidos politicos. Indicam candidatos e participam de diversas formas na vida política do pais. O povo assim organizado, e o Partido Comunista, constituem o que é chamado na União Soviética os Comunistas e o bloco não-partidário.

No discurso proferido por Stalin durante as últimas eleições, há uma explicação das relações do Partido com o povo que vale a pena citar:

"As pessoas não partidárias estão agora separadas da burguesia por uma barreira que se chama o sistema social soviético. Esta mesma barreira une os não comunistas aos comunistas numa coletividade única dos povos soviéticos.

"Vivendo numa só coletividade, êles combateram juntos pelo reforçamento do poder de nosso país. Juntos lutaram e derramaram seu sangue nas frentes de guerra, pela liberdade e a grandeza da Pátria. Juntos forjaram as vitórias contra os inimigos de nosso país. A única diferença entre êles é que uns são membros do Partido e outros, não. Mas essa diferença é apenas formal. O importante é que ambos, comunistas e não comunistas, estão executando uma tarefa comum. Por isso, o bloco de comunistas e pessoas não partidárias é, a meu ver, uma coisa vital e natural".

A tarefa política que distingue o Partido Comunista de tôdas as outras organizações é a sua liderança, que cada vez mais se aprofunda na consciência do povo, em sua luta para vencer as dificuldades internas e externas, que se levantem no caminho da consolidação do socialismo. A fôrça e o prestigio do Partido [illegible] derivam do fato de que o povo soviético olha-o como a fôrça que o guia na edificação do socialismo. Dificilmente o povo depositaria em qualquer outro partido que tentasse desempenhar semelhante papel.

Disse também Stalin, no mencionado discurso:

"... a bandeira apartidária frequentemente mascarava certos grupos burgueses que não viam vantagem em se apresentar aos eleitores, sem uma máscara. Tais grupos existiram. Houve tal estado de coisas no passado, mas agora os tempos mudaram". Assim disse êle explicitamente que o grupo em coalizão com o Partido Comunista. Por essa razão não há necessidade de qualquer outro partido ou grupo político na União Soviética. Tal é o modo de ver do povo soviético.

O Se[illegible]undo Congresso Das Mulheres Francesas

Acaba de [illegible]ar-se em Paris o Segundo Congresso da União das Mulheres Francesas (UFF), na Casa do Povo, de Clichy. Duas mil e quinhentas delegadas de organizações femininas da França e da União Francesa estiveram presentes ao II Congresso, durante o qual foram discutidos os problemas que mais diretamente dizem respeito às mulheres e àqueles que a mulher tem, como tôdo sêr humano, o direito e o dever de reivindicar sejam resolvidos no interêsse da coletividade.

2.500 DELEGADAS DE ORGANIZAÇÕES FEMININAS DEBATEM OS PROBLEMAS DO LAR, DA INFANCIA E DA PAZ

Descrevendo o ambiente do imenso salão onde se reuniram as congressitas, o órgão central do Partido Comunista da França, "L'Humanité", narra o seguinte:

"Ao fundo, uma imensa tela cujo tema dá a nota aos debates: u'a mãe que aperta o filho nos braços, num impeto de amor e confiança, mas também de salvaguarda. Essa mãe destaca-se sôbre uma imensa bandeira azul-vermelha-e-branca, com o seguinte dístico: "Eu sei que êle será feliz se meu país é forte, livre e democrático".

"Retratos de heroinas enchem a sala, envolvidos em bandeiras francesas".

À mesa que preside os trabalhos, encontram-se Eugenie Cotton, Maria Rabaté, Claudino Chaumat, Yvonne Dumont, Lise Ricel, Jeanette Vermeersch, Marie Claude Vailland-Couturrier, Jeannine Saillant, Elsa Triolet e outras conhecidas líderes femininas francesas.

Antes de apresentar, seu informe, Madame Cotton saúda em nome do Congresso cada uma das representantes da Algéria, da Tunísia, de Marrocos, da África Equatorial Francesa, de Martinica, de Guadalupe, de Viet-Nam, e as convida a tomar lugar na mesa.

Em seguida, Mme. Cotton passa a lêr o informe, frisando: "É esencialmente em tôrno da familia e da criança que gravitam sempre as preocupações de tôdas as mulheres. O filho é o seu bem mais querido, e êle quer defendê-lo contra os perigos da fome, da doença, da servidão e da guerra".

Mme. Cotton apresenta em seguida a questão tantas vêzes discutidas "Como conciliar o direito ao trabalho e o direito à família?"

"Sôbre 8 milhões de operárias francesas, 52% são casadas. É impossivel atualmente dispensar a mão de obra feminina.

"As mulheres francesas trazem consigo uma tradição de trabalho qualificado no mundo moderno. Elas se tornaram indispensáveis colaboradoras da atividade nacional, eis a realidade."

É necessário ajudar as mães que trabalham a educar seus filhos, e Mme. Cotton acha que a solução é, sem dúvida, abrir créches e jardins de infância.

Mme. Cotton fala depais longamente sôbre os problemas políticos da atualidade, que interes am profundamente a tôdas as mulheres do mundo, sobretudo os problemas da paz e da democracia, que tão de perto tocam o coração das mulheres.

Madame Cotton conclui afirmando que a União das Mulheres Francesas tudo fará para estreitar e reforçar os laços de amizade e solidariedade entre os povos de além-mar e a Metrópole.

O Congresso das Mulheres Francesas discutiu numerosos outros problemas, tais como a falta de gêneros de primeira necessidade, entre outros o pão, a alta dos preços, propondo algumas delegadas o seu contrôle e o racionamento das utilidades escassas.

Uma das delegadas, Simone Bertrand, propõe ao Congresso defender a segurança social ajudando as familias a obter seus direitos, lançar uma grande campanha para que a assistência médica nas escolas seja feita sèriamente e com regularidade, criando-se nas vilas a "Casa Social", onde as mães possam levar os filhos a consultas, dispondo essas casas de medicamentos, uma biblioteca, etc.

Mme. Eugene Cotton

A IMPRENSA SADIA

(Conclusão da 3.ª pág.)

América Latina necessitam é de tratores e outros instrumentos que promovam riqueza, e não armas para destrui-las.

São exemplos de compreensão democrática, independente, dos reais interêsses dos povos latino-americanos. Que faz entretanto a chamada "grande imprensa" brasileira? Não articula uma só objeção aos planos dos imperialistas americanos que agem por trás de Mr. Truman. Nem uma só palavra de condenação a êsses planos, que visam principalmente o nosso país, como o maior do Continente e o que maiores potenciais de riqueza possui. Ao contrário, jornais como "O Globo" ou o "Diário Carioca", para citar apenas dois dos mais típicos da "imprensa sadia", defendem descaradamente a política dos grupos imperialistas ianques e de seus serviçais em nosso país, mascarando-o de "defesa do Continente". Mesmo jornais tradicionalistas como o "Correio da Manhã", "Jornal do Brasil" ou "Jornal do Comércio" servem de porta-vozes da reação internacional e nacional, esquecendo absolutamente os interêsses do nosso povo.

Por que agem assim, quando jornais ligados às classes dominantes de outros países do Continente tomam posição corajosamente contrária aos senhores do capital colonizador? A resposta não pode ser outra: a "grande imprensa" em nessa país está decididamente subordinada aos interêsses dos trustes norte-americanos. Serve à reação e aos restos do fascismo. Não caluniamos nem mentimos, portanto, quando afirmamos que a "imprensa sadia" é alimentada pelas "caixinhas" do SESI ou de emprêsas estrangeiras, como a Light, servindo assim aos inimigos do progresso do país, da nossa emancipação econômica e de bem-estar do nosso povo.

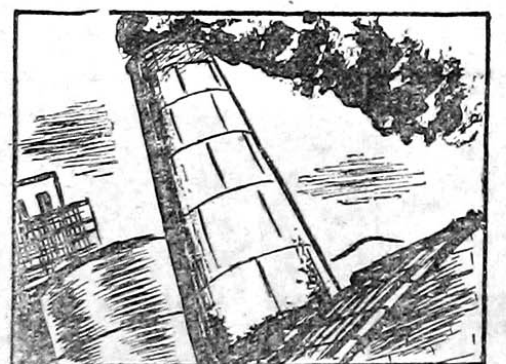
O Caminho Inglês Para o Socialismo

(Conclusão da 5.ª pág.)

necessário lutar pela transformação do nosso Estado, por um expurgo de nossos quislings e traidores, por um processo de completa democratização e pela construção de novas formas de organização democrática, como parte do aparelho de Estado.

Assim, a batalha para resolver os novos problemas que o povo inglês enfrenta se orienta cada vez mais no sentido da luta contra a fôrça do capitalismo monopolista na máquina do Estado, e nêsse sentido fica aberta uma nova perspectiva do caminho britânico para o socialismo E' um caminho diferente daquêle de 1917 Mas é um caminho de luta de classe, completamente diferenciado do sonho reformista de uma gradual, pacífica transição ao socialismo, pelo seu reconhecimento da necessidade de atingir as raizes do poder capitalista, quebrando a fôrça do capitalismo na máquina do Estado. O que é novo nesta perspectiva não é tanto o que possui de pacífico, mas o seu reconhecimento da possibilidade de destruir a máquina do Estado capitalista de uma nova maneira, aqui na Inglaterra, com a luta por liquidar o poder capitalista partindo diretamente da luta do povo britânico para resolver os seus problemas, imediatos. Este caminho poderia levar à possibilidade da transição para o socialismo sem substituir o parlamento por alguma coisa completamente diferente. O poder da classe operária e de todo o povo trabalhador poderia ser exercido através de um novo uso do parlamento e de um aparelho de Estado expurgado e democratizado, apoiando-se em novas formas de organização democrática, popular.

Podemos, estar, por conseguinte, seguros da perspectiva de um novo caminho para o socialismo na Inglaterra. E a nossa luta, agora, pelo futuro do povo inglês, a nossa lutat por mudar a politica do govêrno trabalhista, é a luta para percorrer este caminho.

4 — [illegible] era já nessa época um verdadeiro revolucio- [illegible] pela estratégia e tática mili[illegible] que utilizou para [illegible] através de todo o Brasil, enfrentando tropas do [illegible] Foi então que viu com seus proprios olhos o que [illegible] do povo, nas cidades e no campo, conhecendo os nossos [illegible] e encarregando o caminho para a sua solução de acordo com os interesses do povo

5 — Depois, exilado, denunciando a Revolução de 30 como uma traição contra o povo por homens a serviço de forças imperialistas. Prestes assistiu parte da grande luta do povo soviético na construção do socialismo, ajudando, como engenheiro, a formidável obra que se levava a cabo e, que seria a grande barreira que iria deter as mais agressivas fôrças jamais organizadas pela reação em todos os tempos — as fôrças nazistas, o imperialismo germano-fascista

6 — O fascismo ameaçava também a nossa Pátria. Os homens da revolução de 30, como previra Prestes, haviam capitulado ante as forças imperialistas. Eliminavam no Brasil as liberdades democráticas, fechavam as organizações operárias, ameaçavam a própria vida da Nação. Prestes regressa ao Brasil e toma a frente da heroica luta nacional-libertadora, visando impedir que se implantasse no Brasil o terror fascista. Prestes dirige então, a luta ilegal pela democracia

(Continua na 3.ª pág.)

VOCÊ LEU?

Hoje Só o Golpe Fascista Ameaça a Nação

(Trecho da última entrevista de Luiz Carlos Prestes).

— Por que o PCB exige a renúncia imediata do Sr. Dutra?

— "Os comunistas diante de tão grave situação já apontavam com coragem e serenidade o caminho a seguir por todos os patriotas. Nada mais há a esperar do Sr. Dutra, que depois de 15 meses de vacilações acabou por ceder ao grupo militar-fascista e aos desejos de Mr. Truman. Só a substituição dêsse govêrno, a saida imediata do poder dêsse grupo que tanto mal já causou à Nação permitirá e facilitará a união nacional e a criação do govêrno de confiança nacional que estão a reclamar os mais imediatos interêsses de nosso povo. A ninguém mais pode interessar tão desastrado e incapaz govêrno, nem aos trabalhadores, esfomeados, nem aos industriais obrigados a cerrar as portas de suas fábricas, nem a ninguém que realmente deseje o progresso e a independência da Pátria. A renúncia de Dutra é o que muita gente já deseja mas ainda não tem coragem dizer. Cabe aos comunistas, no entanto, falar pelo povo, indicar com coragem o caminho a seguir, a fim de melhor unir tôdas as vontades e salvar o quanto antes a Nação da ignomínia de mais uma ditadura. As idéias quando alcançam as massas transformam-se em fôrças. Disto já temos experiência aqui mesmo em nossa Pátria e nos últimos tempos — o povo quis a guerra contra o nazismo, quis a organização da FEB, quis o envio de nossos soldados à Europa e tudo foi alcançado contra a vontade da tirania, contra a vontade dêsses mesmos generais que hoje rasgam a Constituição. Mais tarde o povo quis a anistia para os presos políticos e bastou uma campanha de massas de um mês para fazer com que mu-

(Conclui na 7.ª pág.)

SEMANA PARLAMENTAR

A Bancada Comunista Inicia a Luta Pelo Aumento De 100 % Nos Salarios Mínimos

AUMENTO DE 100% NOS SALARIOS MÍNIMOS — O deputado Diógenes Arruda pronuncia importante discurso apresentando um projeto de lei, em nome da bancada comunista, para que sejam aumentados os salários mínimos dos trabalhadores em 100 por cento. O deputado Diógenes Arruda analisa a situação atual dos trabalhadores, mostrando que essa situação é de extrema miséria, de fome, de penúria. Mostra o referido deputado que a situação dos trabalhadores no interior de São Paulo e na Capital daquele Estado não difere muito da do Distrito Federal, onde 50 e 60 por cento dos salários não passa de 600 cruzeiros mensais. Levando em consideração o elevado custo de vida nos grandes centros, justifica-se perfeitamente o aumento sugerido, única maneira de elevar a capacidade aquisitiva da grande massa que produz. De acôrdo com o projeto em apreço, os salários minimos atuais devem ser majorados em cem por cento sôbre a tabela de 10 de novembro de 1934, devendo ser fixado o pagamento suplementar por filho menor em 100 cruzeiros.

Arruda

OBRAS DA LIGHT — Antes de deixar a tribuna, o deputado Arruda encaminha à mesa um requerimento de informações no Poder Executivo sôbre as obras que a Light and Power está efetuando no Rio Paraiba e sôbre a pretensão da mesma emprêsa imperialista a nova concessão quee, se obtida, virá prejudicar a futura execução de uma grande usina de um milhão de cavalos-vapor, em Caraguatuba, no Estado do Rio.

EXPLORAÇÃO DE MINAS — Assinado pelo deputado comunista Abílio Fernandes, é encaminhado à Mesa da Câmara um projeto de lei que regula a aplicação dos artigos 152 153 da Constituição Federal, que se referem à exploração das riquezas do nosso sub-solo. De acôrdo com êsse projeto, aos proprietários do solo deve ficar assegurada a preferência para exploração e aproveitamento das riquezas do sub-solo. Defendendo a soberania nacional sôbre as riquezas do sub-solo, o projeto em apreço visa garantir que as autorizações e concessões para exploração do sub-solo sejam dadas sómente a brasileiros, de acôrdo com o artigo 152, quando afirma que tais concessões e autorizações «Serão conferidas exclusivamente à brasileiros»

INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL NO MERCADO DE GÊNEROS — O deputado Abílio Fernandes apresenta outro projeto de lei autorizando o govêrno da União a intervir diretamente ou por intermédio dos governos dos Estados e Municípios, no mercado de gêneros alimentícios, regulando a sua distribuição de acôrdo com os interesses do consumidor, assegurando a justa remuneração aos produtores. Justificando o projeto, o deputado Abílio diz que se trata de fazer face a uma situação de emergência, diante da qual o govêrno tem primado, em alguns casos, pela inércia e, em outros, por uma intervenção demagógica e contraproducente. Visa também o projeto estimular a produção de gêneros alimentícios, garantindo preços mínimos de compra pelo govêrno. Isto, acrescenta, livrará a produção dos intermediários gananciosos.

ACESSO AOS EXTRA-NUMERÁRIOS — A Comissão Executiva da Comissão de Justiça opina que seja julgado objeto de deliberação um projeto que manda estabelecer critério para acesso dos extranumerários mensalistas às séries funcionais de grau superior, visando ampliar as possibilidades de acesso para uma das mais nu-

(Conclui na 7.ª pág.)

UMA GRANDE VITÓRIA DOS TRABALHADORES NA FRANÇA

Há poucos dias, os trabalhadores nas indústrias de gás, na França, pleitearam um aumento de salários, no que foram apoiados pela Confederação Geral dos Trabalhadores e desatendidos pelo governo chefiado pelo lider socialista Ramadier. Os trabalhadores de gás ameaçaram entrar em greve caso lhes fosse recusado o aumento. Ramadier respondeu que decretaria a mobilização desses trabalhadores, a fim de manter os serviços. Ameaçava assim com o uso da força, ditatorialmente.

A classe operária da França tem, porém, uma longa tradição de lutas gloriosas e vitoriosas, e sabe como levar de vencida seus inimigos. Os trabalhadores do gás, através da GGT, chegaram a um acôrdo com o governo, embora sem conquistar o que pleiteavam, mas fazendo o governo retroceder da sua ordem de mobilização.

Na semana seguinte, os ferroviários franceses pleiteavam o seu aumento de salários. Mais uma vez os socialistas do traidor Léon Blum e de Ramadier recusaram o aumento, alegando que tanto os preços como os salários estavam "congelados", isto é, não deveriam aumentar mais nem um franco. Na verdade, o "congelamento" de Ramadier é apenas ficticio. E' sabido que enquanto os preços dos gêneros sobem desmesuradamente, os salários sobem com enorme lentidão, ficando de qualquer forma diminuida a capacidade aquisitiva dos trabalhadores. Os operários sentem cada dia quanto a vida lhes é dificil, pois é claro que, não havendo gêneros em quantidade suficiente, existe o mercado negro, sendo portanto uma mentira o suposto congelamento dos preços.

Estavam assim no seu direito os operários franceses que pleiteavam aumento de salários. Certos disso, os ferroviários, não sendo atendidos pelo governo, se declararam em greve. Os principais transportes ferroviários da França ficaram paralizados totalmente. Os prejuizos que advieram para a República, devida à intransigência do governo Ramadier, foram fabulosos, em menos de uma semana de greve. Os trabalhadores das estradas de ferro porém se mantiveram firmes em sua reivindicação. Ramadier foi por fim forçado a entrar em entendimento com os lideres da CGT. E os jornais de sexta-feira já anunciam o fim da greve, com uma formidável vitória da classe operária da França. Segundo as exigências do Sindicato dos ferroviários, esse aumento totalizaria doze bilhões de francos. Pelo acôrdo com o governo, ficou a dez bilhões.

E' uma vitória da organização dos trabalhadores, da unidade sindical que existe hoje na França, a grande força que faz retroceder a reação e pode levá-la à derrota.

Ramadier afastou recentemente os comunistas do governo francês, o que causou grande satisfação aos reacionários norte-americanos da camarilha de Truman e Marshall, que se prontificaram em abrir novos créditos ao governo atual da França, desde que ele esteja disposto a fazer novas concessões aos trustes e realizar uma politica anti-trabalhista e anti-comunista. E' visivel agora a derrota dos Estados Unidos. Apesar, porém, desse apoio, Ramadier não se sente seguro das pernas...

o que você DEVE SABER

A DIFERENÇA ENTRE A LUTA DE MASSAS E O GOLPISMO

— Os comunistas sempre se manifestaram contra o golpismo. Nos discursos e informes de Prestes e de outros dirigentes comunistas muitas vezes encontramos o enérgico desmascaramento das manobras golpistas, daqueles que querem apenas a substituição dos homens no poder, valendo-se do recurso das conspirações palaceanas. Essa posição democrática corrente ficou perfeitamente evidenciada quando do golpe de 29 de outubro de 1945. Foi a posição do Partido Comunista, defendendo a ordem e a tranquilidade, que impediu pudesse a Nação ser arrastada ao banho de sangue desejado pelos generais fascistas, ansiosos pela implantação de uma ditadura militar-terrorista.

Os golpes só aproveitam à reação. Nos países da América Latina, são comuns os «pronunciamentos», em que um ditador é substituido por outro e tudo o mais continúa no mesmo, agravando-se, porém, a exploração imperialista. Os patrões ianques costumam usar da tática de «chutar» os tiranetes já desmoralizados e impopulares, colocando em seu lugar outros «fresquinhos», capazes de iludir com a sua demagogia as massas politicamente atrazadas.

Na sua última entrevista, Luiz Carlos Prestes esclareceu, de maneira a desfazer quaisquer dúvidas, a atual posição do Partido Comunista, exigindo a renúncia do ditador, que violou cinicamente a Carta Constitucional. Disse Prestes que sómente o golpe fascista ameaca agora a Nação, golpe no sentido de liquidar os restos ainda vigentes da Constituição e implantar, em definitivo, o regime ditatorial policialesco reclamado pela camarilha de tubarões dos lucros extraordinários e pelo imperialismo ianque.

Ao exigir a renúncia do ditador Dutra, estão os comunistas apontando à classe operária e ao povo, precisamente, a maneira justa de lutar contra o golpe, que só pode partir da camarilha chefiada pelo antigo ministro da Guerra do Estado Novo. O caminho, que os comunistas indicam é perfeitamente constitucional, pois a nossa Carta Magna prevê o afastamento e a punição do chefe de Estado por crime de responsabilidade.

O artigo 89 da Carta Magna define como crimes de responsabilidade os átos do presidente da República que atentarem contra a Constituição Federal e, especialmente, contra o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário e dos poderes constitucionais dos Estados (parág. II do art. citado): o exercício dos direitos políticos, individuais e sociais (paráɡ. III): a segurança interna do país (parág. IV). Já agora ninguém pode ter dúvida de que o inepto general Dutra cometeu, flagrantemente, o crime de responsabilidade especificado na Constituição: rasgou a Carta Magna, arrancou sentenças do poder judiciário sob pressão, ameaçou os constituintes estaduais de intervenção, violou monstruosamente os direitos políticos, individuais e sociais, e criou, finalmente, um clima de subversão da segurança interna do país, com as suas ameaças de violência contra diversos governos estaduais e com a proteção que, na prática, assegura, por exemplo, aos criminosos depredadores do jornal «O Momento.»

Exigindo a renúncia de um homem, que manchou a suprema magistratura do país, os comunistas indicam a luta de massas, franca e à plena luz do dia, como o instrumento, que poderá conquistar êsse objetivo. As massas, mobilizadas, de ponta a ponta do país, convencidas pela própria experiência da inepcia e do caráter criminoso da ditadura, poderão obrigar o general Dutra a desistir de um cargo, em que infelicita a Nação. E' essa a única saída pacífica para a situação em que nos encontramos. Da luta de massas, cada vez mais alta e vigorosa, vai depender a condução dos acontecimentos através desta caída patriótica, imperiosamente reclamada pelos mais altos interêsses do povo brasileiro.

A "Imprensa Sadia"

O povo dia a dia compreende melhor porque certos jornais em nosso país defendem tão ardorosamente os planos imperialistas para dominação do Continente e intervenção em paises da Europa. As próprias agências telegráficas norte-americanas e inglesas se encarregam de transmitir diàriamente informações de outros paises sôbre a posição assumida por êste ou aquêle jornal em relação a tais problemas. Anteriormente reproduzimos aqui comentários de jornais conhecidos como "La Nacion", de Buenos Aires, condenando abertamente o "plano Truman". Na imprensa uruguaia, encontramos também órgãos independentes, insuspeitos de comunismo, que expressaram o sentir da imensa maioria da Nação contra o "plano Truman". Agora mesmo, telegramas de Bogetá informam que jornais colombianos, entre êles "El Tiempo", condenam o referido "plano" e afirmando que os paises da

(Conclui na 2.ª pág.)

7 — *Derrotadas as forças patrioticas dos nacionais-libertadores, Prestes é, juntamente com milhares de outros filhos queridos do povo brasileiro juntamente com a sua espôsa, a gloriosa lutadora Olga Benario, encarcerado pelo bando que ajudava a implantação da ditadura terrorista e que desembocaria no golpe de 10 de novembro de 37, justificado com a máscara do "anti-comunismo" e do indigno "Plano Cohen". Eram os homens que tramavam contra a democracia e as liberdades populares os que prendiam Prestes, enquanto se aliavam a Hitler*

8 — Olga Benário Prestes é entregue, então, à Gestapo de Hitler. Perante o "tribunal de segurança do Estado", Prestes acusa os seus algozes, os torturadores de prisioneiros, os opressores do povo e dos trabalhadores. Cercado de policiais, em frente a juizes vendidos, Prestes não tem de que se defender. O homem incorruptivel e corajoso de todas as horas, não vacila ante a força bruta, ante as violências policiais. E acusa e responsabilisa os homens do Estdo Novo

9 — *Depois de quase dez anos de cárcere, depois da vitória das Nações amantes da liberdade sôbre o nazismo, o povo exige Anistia, e a ditadura se desmorona, pondo em liberdade Prestes e seus companheiros de lutas. No estadio de São Januário, a 23 de maio de 1945, Prestes fala às grandes massas do povo carioca, no coração do Brasil. Ele mostra a sua confiança no futuro e no triunfo final do povo organizado sôbre as forças da reação e os restos do fascismo*

(Conclui na 8.ª pág.)

Porque Existe Um Só Partido Na União Soviética

Por THEODOR BAYER

(Jornalista norte-americano)

PERGUNTA — Recebemos uma carta de um amigo contendo as seguintes perguntas que êle nos pede para responder:

"Muitos americanos liberais perguntam por que o Govêrno soviético insiste na democracia unipartidária, por que não existem outros partidos políticos com plataformas próprias, diferentes da do Partido Comunista da União Soviética... Existe um argumento satisfatório ou convincente neste caso? Qual é a melhor explicação dêsse sistema unipartidário? Admitindo-se a identidade de interêsses como razão para a existência de um só partido, então por que não se anuncia a liberdade de formar novos partidos? — o fracasso na formação de outros, desarmaria os que criticam os Soviets... V. S. Y. La Jolla, Califórnia".

RESPOSTA — Em muitas outras cartas temos recebido perguntas semelhantes: Como conciliam os Soviets a liberdade política e a democracia com a existência de um só partido político?

Ao ser lançada a questão da "democracia unipartidária na União Soviética", parece que se manifesta sempre a tendência a supor que o sistema unipartidário foi algo assim imposto de cima, que foi decretado, e que todos os outros partidos foram abolidos por decreto. Os fatos da história política soviética, neste ponto, são muito diferentes.

Durante a revolução e por algum tempo depois, havia vários partidos entre os quais um que se dizia socialista. A maioria dêsses partidos foram eliminados, por si mesmos, da vida política. Êles ou apoiavam o Tzar ou apoiavam o regime de Kerensky, contra a vontade expressa do povo. Alguns dêsses partidos que sobreviveram à Revolução, cometeram um suicídio político durante a Guerra Civil e as guerras de intervenção, levantando-se em revoltas armadas contra o novo govêrno, colocando-se ao lado da intervenção dirigida pelos rebeldes generais "brancos", apoiados por governos estrangeiros e suas tropas. Tais partidos desacreditaram-se completamente e, como é natural, não puderam mais pensar em apoio popular.

E' natural que o partido que conduziu a Revolução e consistentemente trabalhou pela consolidação do poder soviético, mereceu o inteiro apoio do povo.

E' preciso lembrar que a história soviética, desde a Revolução, progrediu firmemente, saindo do caos e da luta artificialmente engendrada pelas fôrças intervencionistas, para um clima de ordem e unidade cada vez mais sentidas, entre todos os seus povos. Essa unidade não é um conceito político abstrato. E' baseada nos interêsses econômicos e nacionais do povo, expressa no constante melhoramento das condições de vida e expansão das oportunidades culturais, à medida que avança no caminho do socialismo.

A luta pelo socialismo vem conquistando os maiores êxitos devido a uma política de coesão cada vez maior entre os povos da União Soviética, devido as barreiras que entre êles existiam, tais como as diferenças de classe, os interêsses regionais ou de grupos, os objetivos contraditórios das várias nacionalidades componentes da União Soviética.

Dêsse modo, qualquer outro partido que pudesse existir na União Soviética teria de diferir do Partido Comunista, isto é, na luta consciente pela conquista do socialismo e o desenvolvimento de uma base para a sociedade comunista.

O povo da URSS compreende que a sociedade soviética é a única sociedade existente no mundo onde o sistema político, o govêrno do povo, está em completa harmonia com a base econômica e com o funcionamento econômico da sociedade.

Os pensadores políticos soviéticos estão convencidos de que era históricamente necessário, para seu novo tipo de sociedade, desenvolver formas que refletissem completamente esta espécie de democracia e criassem as instituições políticas sob as quais essa democracia pudesse continuar a florescer. Esse sistema político foi formado por Léinn. E' o sistema dos Soviets. O funcionamento democrático dêsse sistema não depende de rivalidades de partidos políticos, porque está diretamente vinculado às atividades políticas, sociais e econômicas de muitos milhões de pessoas. O total de organismos e de atividades dessas pessoas é muito maior do que aqueles que poderiam ser abrangidos por qualquer número de partidos políticos.

Logo no início da história soviética, Lénin declarou que o sistema político soviético é muito mais democrático do que qualquer outro até hoje aparecido, porque repousa diretamente na iniciativa e nas atividades das próprias massas. Mesmo antes da Revolução, Lénin convocou o povo para "descobrir métodos do democracia, que surgissem da prática da vida política, e que surgissem de baixo. Era preciso mobilizar as massas para uma ativa, imediata, universal participação no govêrno. Isto, e apenas isto, assegurará o completo triunfo da Revolução e seu firme, deliberado e sistemático avanço".

Achamos indispensável tentar compreender a democracia soviética em relação com seu próprio sistema socialista, e não através de uma comparação mecânica com outras formas de democracia, não importam as ex-

(Conclui na 2.ª pág.)

OS "ASES" DO ANTI-COMUNISMO

William C. Bullitt, o homem que entregou a França a Hitler

Os jornais do 10 do corrente publicaram um despacho telegráfico de Washington que informava o seguinte: "O ex-embaixador norte-americano em Moscou e París, William Bullitt, declarou que a União Soviética e seus satélites atacariam os Estados Unidos se se acreditassem mais fortes do que êles".

Depois de outras palavras igualmente cretinas, Mr. Bullitt chegava à conclusão de que a única saida para os imperialistas, nêste momento, é lançar bombas atômicas sôbre a URSS, mostrando-se verdadeiramente alarmado com o crescimento do poderio da Pátria do Socialismo através do seu novo Plano Quinquenal.

Mr. William C. Bullitt é um antigo cão de fila do anti-comunismo sistemático. Em tôdas as mais importantes aventuras anti-comunistas das últimas três décadas, partidas do campo da reação norte-americana, William C. Bullitt desempenha papéis mais ou menos destacados, servindo quase sempre como "diplomata". É de fato um dêsses típicos "diplomatas" de Wall Street, homem de confiança dos banqueiros e dos chefes de Estado mais reacionários que a América tem fornecido dêsde a primeira guerra mundial. É um "diplomata" da estirpe dêsses velhos intrigantes e fomentadores de movimentos anti-democráticos, liberticidas, pró-imperialistas, como todos os senhores ianques que temos tido a infelicidade de abrigar últimamente, dêsde Caffery até Berle e Pawley.

Mr. Bullit é de mais alta categoria. Não dá recados apenas, não cumpre ordens sómente. Êle também manda recados e expede ordens. Já em 1919, finda a primeira guerra mundial, foi um dos emissários do presidente Wilson na Rússia Soviética, e quinze anos mais tarde chegou a ser primeiro embaixador americano em Moscou.

Poderia julgar-se, por isso, ser Mr. Bullitt partidário de uma política de aproximação com a URSS. Bem ao contrário: Mr. Bullit desejava tramar mais ativamente contra a existência do primeiro Estado Socialista do mundo. Era, na URSS, não um diplomata, porém um espião a serviço dos trustes imperialistas americanos.

Desde que chegou à União Soviética, William C. Bullitt manteve relações mais estreitas entre os que tramavam contra o regime, os trotskistas e demais quinta-colunistas a serviço do nazismo. Foi com gente dessa láia que Bullitt tratou de um dos assuntos que mais lhe interessavam àquele tempo: a necessidade da URSS ceder a base naval de Vladivostok ao Japão e fazer concessões à Alemanha nazista. Era, nem mais nem menos, o programa dos trotskistas e demais inimigos da Rússia Socialista.

William E. Dedd, então embaixador dos Estados Unidos na Alemanha, anotava o seguinte em seu diário diplomático, a êsse tempo:

"Ao deter-se em Berlim, na primavera ou verão de 1935, êle (Bullitt) me informou que estava seguro de que o Japão atacaria a Rússia Oriental dentro de seis mêses, e que esperava ocupar todo o extremo oriente da mesma.

"Quando lhe perguntei: "Então, você está de acôrdo em que, se os alemães se sáem com a sua, à Rússia, com seus 160 milhões de habitantes, deve negar-se acêsso ao Pacífico e ser excluida do Báltico?", me respondeu: "Oh! isso não importa!... "Fiquei assombrado que um diplomata responsável falasse dessa fórma...".

Mr. Bullitt não só falava como agia. Narra ainda o embaixador Dedd que teve informações posteriores (1937) de que os banqueiros americanos projetavam fornecer novos e imensos créditos e empréstimos à Alemanha nazista e à Itália fascista para seu ataque contra a URSS, e anotava o mesmo embaixador em seu diário: "Também ouví, embora me custe acreditá-lo, que Mr. Bullitt dá sua colabração a êsses planos."

Veio a guerar que Mr. Bullitt tanto almejava contra a URSS. Mas os seus planos foram de águas abaixo. O feitiço virou contra o feiticeiro. A camarilha de Hitler em tôdo o mundo foi esmagada, militarmente, e só custa de auxílio da reação americana e inglêsa, consegue, agora, a sua rearticulação.

Não foi porém por falta da cooperação de Bullitt e seus amigos que Hitler e Mussolini perderam a parada. Em 1940, Bullitt era representante dos Estados Unidos na França. E foi com imensa satisfação que, ao lado de Petain, Laval e demais traidores do povo francês, se apressou em entregar a França às fôrças nazistas, considerando que era "inutil a resistência ante forças tão poderosas". Voou então apressadamente para os Estados Unidos, tratando de convencer a Roosevelt que Petain era um grande "patriota" que havia salvo a França do comunismo...

Mas a vitória do fascismo não veio com a quêda da França. Os povos se uniram e souberam levar o inimigo à derrocada. Quando, em 1944, William C. Bullitt viu que a aventura da reação mundial, dos nazistas e demais imperialistas, estava perdida, achando-se êle em Roma recem-libertada, começou a clamar por uma paz em separado com a Alemanha nazista, por uma nova aliança anti-soviética para salvar a "civilização ocidental" ameaçada pelo "imperialismo soviético".

Os povos, no entanto, se recusaram a ouvir os apêlos angustiados de Mr. Bullitt. A voz de Mr. Bullitt era apenas um êco da voz já meio abafada dos chefes nazistas. A féra foi esmagada em seu covil. A democracia triunfou sôbre o fascismo.

Quando a guerra estava em seus últimos dias e o nazismo definitivamente perdido no campo militar, Bullitt reapareceu em Roma como "correspondente" da revista americana "Life", para a qual traduzia os "slogans" anti-comunistas articulados ainda por Goebbels já com os dias contados. Numa dessa correspondências, depois de opinar que a URSS iria ocupar quase tôda a Europa, Mr. Bullitt expressava mais êste desejo:

"Que é um otimista? Um indivíduo que crê que a Terceira Guerra Mundial começará dentro de 15 anos, entre a União Soviética e a Europa ocidental, seguida pela Grã Bretanha e Estados Unidos. Que é um pessemista? Um individuo que crê que a Europa ocidental, Inglaterra e Estados Unidos não se atraverão a combater".

(Conclui na 6.ª pág.)

A RENÚNCIA DO DITADOR, SOLUÇÃO NECESSÁRIA À NOSSA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA

Ainda no seu primeiro discurso em praça pública, a 23 de maio de 1945, no Stadium São Januário, Prestes já chamava a atenção para um problema capital de nossa política econômica, que é o do comércio exterior. Delineando um programa resumido em seis medidas patrióticas, para cuja execução os comunistas empenhariam o melhor dos seus esforços, apoiando o govêrno que se decidisse levá-las à prática, Prestes se referiu ao problema da importação, ligando-o à *"utilização imediata dos saldos ouro no estrangeiro para aquisição de navios, material ferroviário, usinas e material elétrico, caminhões, tratores e maquinaria agricola."*

Agora, já transcorridos mais de dois anos após aquele histórico discurso, podemos constatar em que sentido, concretamente, se orientou a política do govêrno com relação ao comércio exterior, principalmente no que se refere à importação. Porque é, de fato, no "front" da importação, que o imperialismo ianque está travando uma batalha de grande importância, para subjugar a economia nacional, amarrando-a, em definitivo, ao mecanismo dos banqueiros e trustes da Wall Street. E o que constatamos, à luz de fatos objetivos irrecusáveis, é que o govêrno do general Dutra, mostrou, numa questão de tal importância, a mesma [illegible] com que vem tratando, em geral, os problemas urgentes de nossa Pátria. Não só [illegible], não apenas a imprevidência dos incapazes, como também deliberado e criminoso impatriotismo, do qual os "big businessmen" (grandes negocistas) de Nova York estão se aproveitando largamente.

ESTÁ SE ESVAINDO O "SALDO" NOS ESTADOS UNIDOS

Ao terminar a guerra, tinhamos um respeitável saldo em ouro e divisas no exterior. Durante os anos do conflito, enquanto pouco podíamos comprar de produtos estrangeiros, vendemos, em compensação, muito e a bom preço. O resultado é que se acumulou magnífico saldo a nosso favor. Basta dizer que, de [illegible] a 1945, acumulamos, em Londres, em ouro ou divisas, cêrca de 65 milhões de libras esterlinas, o que equivale a cêrca de cinco bilhões de cruzeiros, ou seja, uma quarta parte do valor de todo o papel-moeda em circulação no Brasil. Um saldo elevado acumulamos, também, nos Estados Unidos e em numerosos outros países. Nos Estados Unidos, em particular, tinhamos em 1946, 132.000.000 de dólares disponíveis, uma vez descontados do saldo de 466.000.000 de dólares as parcelas destinadas ao lastro de ouro e a compromissos diversos.

Sabemos que os saldos, em Londres, se encontram congelados, isto é, a Inglaterar, não tendo mercadorias para nos vender em quantidade suficiente, proibe que utilizemos as libras esterlinas, que alí acumulamos, na compra de produtos em qualquer outro país do mundo. Apesar das "conversações", êsses "congelados" ainda não estão ao nosso livre dispôr.

Quanto aos saldos nos Estados Unidos, o que verificamos é que estão se esvaindo sem qualquer proveito para a emancipação da economia nacional. Esses saldos foram conquistados à custa do suor do povo brasileiro, pois não só produziu as mercadorias exportadas, como sofre também a inflação, que possui uma de suas causas na emissão de papel-moeda para compra de letras de exportação, uma vez que, durante a guerra, se reduziu consideravelmente a compra de letras de importação. Se assim acorreu, tem, pois, o povo brasileiro, o direito de ver os saldos, que lhe pertencem, no estrangeiro, empregados em benefício da emancipação da economia nacional.

A vérdade é, porém, que os saldos estão desaparecendo em troca das quinquilharías enviadas pelo "bom vizinho" de Washington.

GANHA TERRENO O COMERCIO IMPORTADOR

Apresentaremos, a seguir, alguns números para melhor esclarecer o assunto, procurando, sobretudo, revelar a tendência em que se desenvolve a nossa política de comércio exterior.

Nos três primeiros meses de 1946, a nossa exportação total atingiu Cr$ 3.791.139.000,00 contra Cr$ 2.554.645.000,00 da importação. Houve, pois, um saldo, a favor do Brasil, de Cr$ 1.236.494.000,00.

Nos três primeiros meses de 1947, a situação, porém, foi sensivelmente diversa: — exportamos no valor de Cr$ 5.820.056.000,00 e importamos no valor de Cr$ 4.878.395.000,00. Houve, dessa vez, um saldo de .... Cr$ 941.661.000,00.

O saldo do período mencionado de 1947 com relação ao mesmo período de 1946 baixou de Cr$ 294.883.000,00. As nossas compras, no exterior, acusaram, por conseguinte, um aumento de 90,96% no valor (quase o dôbro), enquanto as nossas vendas subiram apenas de 53,52% no valor.

E' necessário, ainda, observar que a tonelada importada subiu, no seu valor médio, de 1946 a 1947, de 14,5%, enquanto a tonelada exportada subiu, no seu valor médio, de 27,84%. Isso significa que continúa existindo uma conjuntura favorável ao nosso comércio de exportação, com os preços em alta, conjuntura que, naturalmente, não pode ser indefinida, que cassará com a crise ciclica capitalista, em aproximação.

Ainda assim, apesar da conjuntura favorável, embora por tempo precário, a exportação não aumentou no mesmo ritmo da importação, no que se refere à tonelagem. Nos três primeiros meses de 1946, exportamos 770.458 toneladas e importamos 1.033.194 toneladas. Já no mesmo período de 1947, exportamos 925.200 toneladas e importamos 1.671.839 toneladas. O volume da importação acusou, portanto, um aumento de 66,65% contra um aumento de apenas 20,08% no volume da exportação.

Devemos concluir, por conseguinte, que o nosos comércio exterior acusa, agora, uma tendência para a eliminação do "superavit", ou seja, do saldo em favor da exportação. Até o fim de 1946, a tendência ainda continuava no sentido do aumento dos saldos em favor do Brasil, o que se demonstra com os próprios números. O valor da exportação global de 1946 cresceu, com relação a 1945, de .... Cr$ 6.045.224.000,00. A importação, por sua vez, teve um aumento de Cr$ 4.411.396.000,00. Isso significa que o saldo de 1946 com relação ao de 1945 teve um aumento de .... Cr$ 1.633.828.00,00. Ao que tudo indica, porém, o saldo de 1947 será bem menor do que o de 1946 e, talvez mesmo, do que o de 1945.

SEREMOS, EM BREVE, DEVEDORES DOS ESTADOS UNIDOS

Chegados a êste ponto, podemos assinalar, também através dos números como nos vamos tornando devedores dos Estados Unidos. O saldo, que acumulamos durante a guerra, já se encontra às últimas — e isso é gritante — sem um proveito real, duradouro, para o progresso econômico do país.

No nosso comércio com os Estados Unidos está a principal causa da atual tendência para a baixa no "superavit" do nosso comércio exterior em geral. Mas o que é mais grave, repetimos, é que os Estados Unidos estão flagrantemente sabotando a industrialização do Brasil, a sua emancipação econômica.

No primeiro trimestre de 1946, tivemos, em nosso comércio com os Estados Unidos, um "deficit" de Cr$ 348.230.000,00. No mesmo periodo de 1947, o "deficit" passou a .... Cr$ 763.557.000,00. 1945 foi o último ano em que tivemos saldo no comércio com os Estados Unidos.

Aí está, portanto, um fato à vista de todos: estamos comprando cada vez mais nos Estados Unidos, sem uma compensação nas vendas. Esse fato, que é comum a numerosos outros paises da América Latina, já está alarmando inclusive a economistas norte-americanos. E' que, marchando as coisas nesse ritmo, não está longe o dia em que as reservas em dólares do Brasil e dos paises latino-americanos (exceção da Argentina) estarão, esgotadas, impedindo-os, pois, de continnar a adquirir produtos ianques.

A fim de não cessar o intercâmbio, teremos que recorre, em tal situação, a empréstimos. E aí é que teremos chegado a um ponto perigoso, porque sabemos como Truman e Marshall costumam fazer empréstimos. Não somente cobram altos juros, como impõem condições políticas odiosas à soberania dos povos. Foi o que sucedeu à França e à Itália, em que os empréstimos foram utilizados como notórias armas de pressão para a exclusão dos comunistas dos respectivos govêrnos. Mesmo a Inglaterra para obter um empréstimo, no ano passado, dos "anglo-saxões" de Washington, teve que fazer concessões, inéditas na sua história, inclusive a promessa de abrir os vastos mercados do Império à invasão dos produtos ianques.

LIQUIDAÇÃO DOS SALDOS EM TROCA DE BUGIGANGAS

Mas o aspecto decisivo, que nos interessa no problema da importação, é o de seu conteúdo.

Não estamos, absolutamente, importando o material essencial ao reequipamento de nossa indústria, o material ferroviário e os navios indispensáveis à modernização dos nossos desgastadíssimos meios de transporte, os laminadores e os altos fornos da indústria pesada, etc. Mr. Pawley e Mr. Truman se fingem de surdos, sempre que o assunto lhes é apresentado, porque o seu interêsse é, realmente, o de abarrotar o mercado brasileiro com os *"artigos de luxo, as geladeiras, os discos de vitrola, as camisas e outras bugigangas, semelhantes àquelas contas de vidro com que os portugueses enganavam os nossos índios para dêles obter em troca os víveres de que necessitavam nos primeiros tempos da colonização e escravização dos mesmos aborigenes."* (do discurso de Prestes, no Stadium São Januário).

Não se pode argumentar com a falta de interêsse dos industriais brasileiros em reequipar as suas fábricas. A indústria textil, por exemplo, tem quase dois bilhões de cruzeiros de encomendas de maquinaria. Ao tempo, porém, que essas encomendas tardam a chegar, os navios ianques despejam diariamente nos postos do país milhares de toneladas de latas

(Conclui na 6.ª pág.)

O DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO SINDICAL NA ALEMANHA DE APÓS-GUERRA

A CLASSE OPERARIA ALEMÃ NA VANGUARDA DA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO PAÍS — INICIATIVAS QUE HONRAM AS TRADIÇÕES DO PROLETARIADO DA PATRIA DE MARX E ENGELS — A LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS, POR TERRAS, HABITAÇÕES, CASAS DE CULTURA — VELHOS CASTELOS DE SENHORES FEUDAIS TRANSFORMADOS EM HOSPITAIS E ESCOLAS — APESAR DOS REACIONÁRIOS DAS ZONAS OCIDENTAIS, UNIFICA-SE E SE ORGANIZA E LUTA ATRAVÉS DA LIVRE FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS ALEMÃES

Ernest Thaelmann, o líder comunista alemão, que Hitler assassinou

Poucas semanas depois da derrota do "Terceiro Reich", encontraram-se em Berlim representantes de tôdas as antigas orientações de sindicatos, para discutirem sôbre a fundação de uma nova e livre federação dos sindicatos. A histórica ordem n.° 2 do marechal soviético Jucov possibilitou em Berlim e na zona de ocupação soviética na Alemanha a fundação e o desenvolvimento coroado de êxito da Livre Federação dos Sindicatos Alemães. (FDGB — Freie Deutsche Gewerkschaftsbund).

Em fevereiro de 1946 pôde a Federação realizar a sua primeira conferência de zona para a região ocupada pelos exércitos soviéticos. O espírito de luta dessa conferência encontrou o seu fruto nos estatutos da Federação, unanimemente e provisòriamente resolvidos e estava dominada por três grandes ideias, que se condicionam mutuamente. Liquidação da enorme miséria social dos trabalhadores, luta sem tréguas aos restos do fascismo, aos "junkers" e ao capital monopolista e imperialista, cooperação responsável na reconstrução da Alemanha democrática.

A uniformidade das resoluções, apesar da existência de diferentes orientações políticas partidárias, é uma prova da fôrça do novo e jovem movimento sindical. Ela favoreceu muito a formação e o desenvolvimento de sindicatos congêneres nas zonas ocidentais de ocupação.

UNIÕES INDUSTRIAIS

A estrutura da organização dos novos sindicatos livres corresponde às experiências que se adquiriram no passado. Em vez das antigas uniões profissionais que estavam unidas na Confederação Geral dos Sindicatos Alemães (ADGB — Allgemeiner Deutscher Gewerkschaftsbund), criaram-se dezoito uniões industriais. Em vez de muitas organizações profissionais em cada fábrica e em cada ramo de indústria, prevalece hoje o princípio: "Uma fábrica, um ramo de indústria, uma união". As uniões industriais são independentes. A sua unidade básica é o grupo sindical da fábrica. As resoluções gerais de princípios são tomadas pela Federação. A instância mais alta da Federação é a dieta (assembléia geral) da Federação.

A idéia do sindicato por indústria venceu quase completamente em quase tôdas as zonas da Alemanha. Em Berlim e na zona de ocupação soviética já se realizaram, no verão dêste ano, conferências dos sindicatos industriais. O forte desenvolvimento democrático da Livre Federação dos Sindicatos Alemães, em Berlim e na zona de ocupação soviética contribuiu, não pouco, para a resolução do Conselho de Contrôle Inter-aliado, em 3 de junho de 1946, de permitir, em tôda a Alemanha, a formação de sindicatos industriais e sua união em cada zona.

ATRASO NAS ZONAS OCIDENTAIS

O desenvolvimento dos sindicatos nas zonas ocidentais de ocupação corresponde à diversidade das resoluções políticas das potências de ocupação. Hoje, ainda não é possível dar um quadro preciso e uniforme das três zonas ocidentais de ocupação sôbre o desenvolvimento dos sindicatos. Embora também ali se realizam conferências dos sindicatos por zona, refletem êles ainda muito o atrasado desenvolvimento democrático e o estado de desunião dos sindicatos nessas zonas. Assim estavam representadas na Conferência dos Sindicatos, que se realizou em agosto de 1946, em Bielefeld, pela zona britânica, não menos do que 190 Uniões Sindicais, separadamente, com mais ou menos 300 representantes. Êsses representantes não foram eleitos pelos membros, mas escolhidos, em sua maioria, pelas directorias das Uniões, directorias essas investidas pelas autoridades de ocupação. Informou-se da região do baixo Rheno, em abril dêste ano, que só um ano depois da ocupação o govêrno militar norte-americano permitiu aos operários se organizarem em sindicatos. Os operários do distrito de Arnsberg (Siegen) ainda não obtiveram essa permissão de fundar sindicatos. Na zona americana existiam, em 1.° de fevereiro de 1946, 201 sindicatos diferentes. Em Gross-Hessen permitiu o govêrno militar, somente em janeiro de 1946, a constituição de sindicatos em escala regional. Na zona de ocupação francesa também não era permitida, até o verão de 1946, a formação de sindicatos em escala provincial ou estadual.

LUTA CONTRA OS RESTOS NAZISTAS

A fragmentação dos sindicatos nas zonas ocidentais e o seu caráter fortemente federativo determinam uma orientação muitas vezes ainda nebulosa, nada clara. Apesar disso, se levantou em quase todos os sindicatos a exigência pela participação na luta contra o nazismo e o capital monopolista, de modo mais ou menos consequente. Na questão da estrutura orgânica a maioria decidiu pela unidade e pelo Sindicato por indústria. Na conferência sindical de Bielefeld, dos 345 votos, 267 foram favoráveis à formação de sindicatos por indústria.

O maior impecilho à uniformidade dos sindicatos é o seu caráter federativo. O federalismo confunde-se muitas vezes com democracia. Muitos chefes sindicais, que obtiveram o seu mandato não pelos membros, mas pelos representantes do govêrno militar, continuam mantendo a estrutura federativa.

A unidade ideológica e orgânica dos sindicatos, em tôda a Alemanha, é para todos os membros progressistas uma condição indispensável para a garantia da unidade da Alemanha e de uma democracia forte. Também aqui tem o desenvolvimento federativo e não democrático dos sindicatos, nas zonas ocidentais, um efeito retardatário. Apesar disso podiam, graças à iniciativa da

(Conclui na 6.ª pág.)

Edgar André, herói comunista alemão, decapitado pela gestapo

DOS CLASSICOS

A Liberdade De Imprensa

Por V. I. LENIN

"liberdade de imprensa" é também uma das principais palavras de ordem da "democracia pura". Os operários bem sabem, e os socialistas de todos os países já compreenderam muitas e muitas vêzes, que essa liberdade será uma mentira, enquanto as melhores tipografias e os mais importantes depósitos de papel estiverem nas mãos dos capitalistas e enquanto subsistir a dominação do capital sôbre a imprensa, dominação que se fortalece no mundo inteiro da maneira mais escandalosa, brutal e cínica, à medida que a democracia e o regime republicano se tornam mais desenvolvidos, como por exemplo na América. Para conquistar a igualdade real e a verdadeira democracia para os trabalhadores, para os operários e os camponeses, é necessário primeiramente tirar ao capital a possibilidade de tomar a seu serviço os escritores, de comprar casas editoras e de corromper os jornais. Para isso, é necessário acabar com o jugo do capital, derrubar os exploradores, dominar sua resistência. Os capitalistas sempre deram o nome de "liberdade" à liberdade de enriquecer de que gozam os ricos, à liberdade de morrer de fome que possuem os operários. Os capitalistas chamam de liberdade de imprensa a liberdade que têm os ricos de comprar a imprensa, a liberdade de utilizar a riqueza para fabricar e falsificar o que se chama de opinião pública. Os defensores da "democracia pura" são, na realidade, os defensores do mais vil, do mais corrompido sistema de manipulação dos ricos sôbre os meios de educação das massas; enganam o povo, desviando-o — com frases estudadas, bem torneadas e completamente falsas — da tarefa histórica concreta: subtrair a imprensa à dominação do capital. A liberdade do capital. A liberdade e a igualdade verda-

(Conclui na 6.ª pág.)

O Caminho Inglês Para o Socialismo

Por KITTY CORNFORTH

(Da «Communist Reviw», de Londres)

Os recentes desenvolvimentos em vários paises trouxeram até a nossa terra o fato de que não existe fórmula para o caminho ao socialismo e que diferentes paises estão se encaminhando em direção ao socialismo através de diferentes estradas, de acôrdo com as suas circunstâncias especiais. O propósito dêste artigo é considerar alguns aspectos de nosso caminho para o socialismo, aqui na Inglaterra; em particular, a maneira pela qual a classe operária, dirigindo a solução dos atuais problemas de nossa Pátria, tomando a direção para salvar a Inglaterra do desastre, poderá fazer decisivos avanços no nosso caminho britânico para o socialismo.

Como marxistas, vemos a questão do "poder" como uma das decisivas para a conquista do socialismo. E uma das mais importantes divergências entre os marxistas e os reformistas sôbre o caminho para o socialismo reside na questão do Estado como um órgão de poder. Porque os reformistas acreditam que o aparelho do Estado — as fôrças armadas, a polícia, os serviços civis, etc. — é um meio de manter a lei e a ordem acima das classes, vêm êles a chave do poder numa maioria parlamentar e deixam de contar alguma coisa diferente, um novo Estado que deveria ser o proletariado organizado em classe dominante.

com o poder real da classe capitalista incorporado à máquina do Estado. Mas o marxismo demonstrou que o Estado não é neutro em relação às classes, porém um meio de manutenção do domínio da classe governante, com todo o seu aparelho adaptado a tal propósito. Marx, por isso, afirmou que a classe operária não poderia simplesmente se apossar do aparelho de Estado existente e usá-lo para os seus próprios propósitos, mas que o primeiro passo no caminho do socialismo deve ser a destruição da máquina do Estado capitalista e a sua substituição por

* * *

A experiência do passado, em particular a experiência da União Soviética, foi de que o poder do Estado capitalista deve ser quebrado por uma revolução violenta dirigida pela classe operária e substituído por um Estado totalmente novo, com os Soviets, a organização desenvolvida pelo povo no curso da revolução, como a sua máquina de govêrno, e tendo o seu órgão de fôrça no povo armado, base do novo exército e da nova polícia.

Lenin afirmou, mais de uma vez, que as formas exatas de transição para o socialismo devem depender das condições atuais da luta. Na Inglaterra, não estavamos, então, bastante próximos da luta decisiva pelo poder para discutir exatamente como ela se desenvolveria. Quando, todavia, no passado, divisamos o nosso caminho para o socialismo na Inglaterra, pareceu provável que, ao atingir a luta de classes o estágio da luta pelo poder, ela assumiria forma violenta. E qualquer que fôsse o grau da violência da luta pelo poder, ela foi divisada como uma luta "contra" a velha máquina do Estado, orientado para a sua substituição por alguma coisa nova, em particular a substituição do parlamento por novos órgãos de govêrno, como os conselhos operários, que deveriam ser construidos através da luta.

* * *

Os Partidos Comunistas das novas democracias divisam um novo caminho para o socialismo. Não pretendemos discutir aqui as suas experiências, exceto para frizar um ponto: o que o camarada Bienkowski, falando no nosso 19.° Congresso, pôde descrever sôbre a perspectiva da Polônia "como um pacífico e evolutivo avanço em direção ao socialismo", êste caminho deve ser distinguido da gradual, pacífica evolução para o socialismo apresentada pelo reformismo. Os reformistas, recusando-se a reconhecer o Estado como um órgão do poder de classe, falam sôbre o caminho para o socialismo enquanto se abstêm de atacar as bases fundamentais do poder capitalista no aparelho de Estado, deixando-o intacto, com a classe dominante e os seus agentes nas posições-chave. Nas novas democracias, porém, as bases fundamentais do poder capitalista no Estado foram atacadas. O poder foi tomado das mãos da clique governante da classe capitalista, cinco ou dez por cento da população; e a grande maioria do povo, noventa por cento, tornou-se ou está se tornando o fator decisivo no Estado. Se um novo caminho para o socialismo está aberto, isso se dá porque o poder capitalista foi minado e está em processo de ser quebrado por uma nova maneira. Por conseguinte, a experiência das novas democracias, embora não forneça bases para barrar as diferenças fundamentais entre as concepções marxista e reformista sôbre o caminho para o socialismo, apesar disso mostra que, na presente etapa histórica, novos caminhos estão abertos para a destruição do poder capitalista e novas possibilidades existem para construir a unidade da classe operária visando êsse fim.

Na Inglaterra, a vitória do Partido Trabalhista nas eleições gerais e a política do Govêrno Trabalhista, apesar de terem enfraquecido a posição do capitalismo, ainda não abalaram as raizes do poder capitalista. Na esfera econômica, a realização do programa trabalhista nacionalizaria apenas 20 por cento da indústria e a proporção até agora nacionalizada é muito menor. Mesmo na indústria nacionalizada, o contrôle não foi decisivamente removido da classe capitalista. O nosso aparelho de Estado continúa, no essencial, intacto como base do poder capitalista. A direção dos Serviços e da polícia, as graduações superiores de funcionários, os serviços colonial e diplomático e seus métodos de trabalho, estão intactos.

Aqui, diferentemente das novas democracias, ainda nos encontramos em face da questão de como o poder do Estado deve ser tomado das mãos da classe capitalista. E essa questão deve ser discutida à luz da luta que está se desenvolvendo agora.

A nossa pátria enfrenta agora a crise. Novas bases devem ser encontradas para tôda a nossa economia ou caminharemos para o desastre. Os capitalistas e reacionários não podem oferecer solução para os nossos problemas. O único caminho, que êles podem encontrar é o de se vender a Wall Street, como meio de preservar os próprios previlégios. A única política, que pode salvar a Inglaterra, agora, choca-se com os interêsses capitalistas; e a classe operária é a classe de que depende todo o futuro de nossa Pátria.

Nesta situação, o Partido Comunista está lutando por um Govêrno Trabalhista reconstituido, que termine com a política de rendição aos interêsses capitalista. Estamos lutando por um Plano Econômico, que subordine os interêsses do capitalismo monopolista aos interêsses da nação; por um mais efetivo contrôle sôbre a vida econômica, pelo govêrno trabalhista, apoiado por novas formas de participação no contrôle pelo movimento operário, [illegible] das fábricas para cima; por uma redução da renda, juros e lucro da classe capitalista e um aumento da participação das massas do povo na renda nacional; por uma política humana, que leve os nossos homens à indústria, fora das fôrças armadas; e por uma radical mudança na política exterior, que tornará isso possivel. Estamos lutando por uma nova atitude frente à União Soviética, as novas democracias e os povos coloniais, liquidando os esforços para proteger o velho sistema do imperialismo através de uma aliança com a reação americana.

* * *

O caminho do progresso para a Inglaterra é um caminho de aguda luta de classe contra o capitalismo monopolista, e a necessidade de quebrar a fôrça da reação, no aparelho de Estado aparecerá no curso de nossa batalha para resolver os problemas imediatos do povo inglês. Hoje, a luta pela produção não é uma coisa separada da luta pelo poder. A produção é ainda o foco da luta de classe — mas de uma nova maneira. À medida que a classe operária organizada puder tomar a direção na solução dos problemas que enfrentamos, novas formas de organização democrática serão necessárias e serão criadas, representando acréscimos do poder da classe operária. Do mesmo modo, à proporção que os capitalistas sentirem os seus vitais interêsses provocados, farão uso de sua fôrça no aparelho do Estado para sabotar a política do govêrno. Dessa maneira, a necessidade de remover os reacionários de suas posições-chave se tornará, mais e mais, obviamente uma questão de interêsse prático imediato para todo o povo. Para prosseguir a nossa política em face à oposição capitalista será

(Conclui na 2.ª pág.)

O Desenvolvimento Do Movimento Sindical Na...

(Conclusão da 5.ª pág.)

diretoria da Livre Federação dos Sindicatos Alemães, realizar duas conferências de chefes sindicais de tôdas as zonas de ocupação. A primeira realizou-se em julho de 1946 em Frankfurt-am-Main. Membros da diretoria da Livre Federação dos Sindicatos Alemães encontraram-se com 18 representantes sindicais das zonas ocidentais. Em tôdas as questões básicas de ideologia e de organização conseguiu-se acôrdo e deu-se expressão ao desejo unânime de formar um secretariado sindical para tôdas as zonas. A segunda conferência de zonas realizou-se em 7 e 8 de novembro de 1946, em Mainz. Obteve significado especial pela presença oficial do secretário geral da Federação Mundial dos Sindicatos, Luis Saillant, que presidiu a conferência e que declarou entre outras coisas: *"Com êsse congresso começou uma nova fase da vida sindical na Alemanha."*

OS PARTIDOS E OS SINDICATOS

As relações entre os partidos políticos e os sindicatos têm consequências positivas. Todos os partidos anti-fascistas reconhecem hoje, que uma neutralidade política não corresponde ao nosso tempo, mas que se deve entretanto evitar qualquer vinculação político-partidária. Ao mesmo tempo todos exigem a conservação da unidade dos sindicatos. Mas apesar disso existem em diversos partidos elementos que objetivamente trabalham para impedir a unidade sindical. Êstes são em maior número representados por aqueles chefes social-democratas, que, desprezando os ensinamentos dos séculos passados, querem eternisar a divisão da classe operária e levar a luta fratricida aos sindicatos. Êsses chefes exigem a neutralidade política da Livre Federação dos Sindicatos Alemães e, ao mesmo tempo, que tôdas as eleições sindicais devem realizar-se em bases político-partidárias. São também êstes chefes social-democratas, que, nas zonas ocidentais, como também em Berlim, favorecem a fragmentação do movimento sindical em uniões e pequenas uniões autônomas e federativas ou em uniões profissionais. Nas zonas ocidentais, onde dominam o aparelho sindical, espesinham a democracia e se elegem a si mesmos para as conferências sindicais. Para tudo isso êles nem consultam os membros dos sindicatos nem dão satisfação sôbre as suas atividades. Sem tomar em consideração a opinião dos membros dos sindicatos, fecham com os empregadores contratos coletivos e combinam regulamentos de trabalho que proibem discussões políticas aos operários nas fábricas.

A LUTA PELOS SALÁRIOS

A defesa dos interesses dos operários e empregados, em questões de ordenados e tabelas de salários pelos sindicatos, é hoje em dia muito mais restrita, por causa do decreto de congelamento dos salários, baixado pelo Conselho Interaliado de Contrôle. Reconhecendo embora a conveniência dessa medida para evitar a inflação, os sindicatos porém não desistem de reivindicar paras os operários cujos ordenados, apesar do decreto dos salários necessitam um aumento urgente, melhores salários. Assim foram, na zona soviética de ocupação, fechados novos contratos coletivos para os trabalhadores, no campo e nas florestas, para os mineiros e para os ferroviários, que em parte contêm melhoramentos essenciais. No momento uma série de outros contratos co-

to que já um ano e meio depois da derrota se acusavam melhoramentos no seguro social que, em parte, vão além dos limites anteriores.

A LUTA CONTRA A FOME

Um largo espaço na vida sindical alemã é tomada pela luta contra a fome. Ess aluta contra as consequências da guerra é intimamente ligada à luta contra os "juncker", nazistas e monopólios capitalistas. Por isso, os sindicatos participaram de um modo predominante no preparo e na realização da reforma agrária. A Livre Federação dos Sindicatos Alemães provou aos camponeses e colonos novos das terras que não pertencem mais à Alemanha que a atividade e solidariedade dos novos sindicatos não só destrói os inimigos dos trabalhadores, mas derruba também essa parede artificialmente construida entre a cidade e o campo. Assim pôde "O Camponês Livre" órgão do campesinato, pleitear, em junho de 1946, a ajuda dos operários das fábricas de Berlim para a zona flagelada, na região dos pântanos do Oder, sendo então mandadas máquinas e ferramentas agrícolas e artigos domésticos, no valor de 200.000 marcos, para o distrito de Lebus. Além disso, produziram os operários berlinenses, em horas extras, 5.000 enxadas para os camponeses, 300 fogões, 30.000 forcados, 15 carros para a lavoura (carroças), 10.000 ancinhos, 10.000 enxadas para colher batatas, 200 relhas do arado, 110 máquinas para semear, 150 arados, 10.000 arados para colonos novos e serras, machados, pilões e prensas e muitas outras coisas e artigos domésticos. Muitas fábricas aceitaram a proteção de aldeias e concertaram, trabalhando voluntariamente aos domingos, máquinas e ferramentas agrícolas, ou mandaram operários especializados, com ferramentas, como "comandos" de concertos para as aldeias. Os sindicatos tomaram iniciativas semelhantes em tôdas as provincias e estados da zona soviética alemã.

A LUTA PELA TERRA

Como parte da luta contra a fome, a Livre Federação dos Sindicatos Alemães fez *a campanha das terras incultas*. Com a distribuição de terras incultas, foi dada possibilidade a milhares de operários de obterem alimentos adicionais. Além disso, colocou a campanha muitas fábricas em situação de poder melhor abastecer os seus restaurantes com batatas e legumes.

AUMENTO DA PRODUÇÃO

Outro ato de solidariedade de iniciativa da Livre Federação dos Sindicatos Alemães é o seguinte: em 26 de outubro de 1946, o Sindicato Industrial em Mineração, numa reunião que realizou em Halle, pediu permissão à administração militar soviética para poder, um domingo em cada mês, extrair carvão para uso doméstico. O marechal Sokolovski deferiu êsse requerimento dos sindicatos, em 9 de novembro de 1946, e os mineiros produziram já 60.000 toneladas de carvão para a população.

ASSISTÊNCIA AOS OPERÁRIOS

Em 4 de novembro de 1946 a diretoria resolveu regulamentar os auxilios à Federaluta contra a fome. Essa luta ção dos Sindicatos Alemães. De acôrdo com êsse regulamento são pagos auxilios em caso de greve, exclusão temporária (lock-out), punição, prisão e morte.

letivos estão sendo discutidos ou preparados para discussão pelos sindicatos.

Tomando em consideração a precária situação e as anteriores condições de trabalho dos mineiros, o Conselho Interaliado de Contrôle correspondeu às exigências dos sindicatos e aprovou um aumento geral dos ordenados de 20% para os mineiros de tôdas as zonas.

SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL

Para Berlim e para as zonas ocidentais foram decretadas mais tarde ordens nesse sentido, embora não tão amplas. O decreto da administração militar de Berlim das quatros potências de ocupação estabelece o pagamento de salário igual, enquanto que o decreto do Conselho de Contrôle somente permite que salários abaixo de 50 "pfennig" por hora sejam melhorados. A luta dos sindicatos por um regulamento suportável e coletivo das condições de trabalho se refere também às horas de trabalho e às férias. A velha exigência sindical de 8 horas de trabalho por dia encontrou o seu reconhecimento numa ordem correspondente do Conselho de Contrôle.

FALTAM ALIMENTOS, REDUZEM AS HORAS DE TRABALHO

A catastrófica situação alimentícia, especialmente nas zonas inglesas e francesa, levaram, no entanto, ali, a uma maior redução das horas de trabalho pelos operários. Há pouco tempo foi punido na zona britânica todo o pessoal de uma serraria, pelas autoridades militares, por terem reduzido as horas de trabalho para 43 por semana, devido à situação alimentar. Em muitas cidades da parte ocidental da Alemanha chegaram a realizar-se atos de protesto e até desistências do trabalho e a luta por semana de menos de 48 horas, no periodo da crise alimentar. Na questão das férias, somente na zona de ocupação soviética foi conseguido um novo regulamento. Como compensação pela restrição da luta por aumentos de ordenados, os sindicatos, especialmente em Berlim e na zona soviética, tomaram parte ativa na *luta contra o câmbio negro e contra as manobras para conseguir preços altos.*

DIREITO AO TRABALHO

Não só o reconhecimento dos sindicatos pelas potências de ocupação, mas, também o desenvolvimento e a absoluta necessidade dos mesmos na reconstrução democrática da Alemanha nova tinham que levar forçosamente a uma reorganização do *direito de trabalho e da proteção do trabalho*. Os sindicatos participam menos na formação do novo direito de trabalho, que é feito pelas potências de ocupação, do que na sua realização. Êles colocaram muitos velhos membros instruidos nos organismos da justiça de trabalho.

Os sindicatos também participam na *constituição de um novo seguro social*. A sua exigência principal, nessa questão, é a unificação do seguro social, com o objetivo de sua simplificação e do aumento de sua capacidade de produção (rendimento do serviço). Apesar da completa falência do seguro social, por causa da criminosa política nazista, o cumprimento da exigência sindical, em Berlim e na zona soviética, atingiu um tal desenvolvimen-

Graças à sua política consequente e antes de tudo graças à generosidade da administração militar soviética, a Livre Federação dos Sindicatos Alemães pôde também fazer muita coisa pelo tratamento da saúde dos operários. Assim, a Livre Federação dos Sindicatos Alemães tomou conta e mobiliou o castelo perto do lago de Koethen, o castelo perto do lago de Wocher, o castelo Baerenklau, perto de Guben, a antiga propriedade do chefe nazista von Tschammer-Osten, perto de Belzig, um castelo em Plau, transformando-os em sanatórios para operários. Muitos outros castelos dos antigos "junckers" vão ser utilizados para o mesmo fim ou para as escolas dos sindicatos.

Na luta pela formação democrática da vida econômica, adquiriram os chefes sindicais das fábricas, com a ajuda dos sindicatos, multas vitórias. A primeira preocupação é o bem estar dos operários. Êles cuidam das possibilidades de trabalho e do pagamento, de acôrdo com a tabela, das férias, da alimentação adicional e da vestimenta, da proteção dos operários contra prejuizos com relação à saúde e acidentes, de habitação e transportes, de instituições sociais na fábrica, do zêlo pelo seu nível cultural. Apesar de muitas dificuldades, já conseguiram resultados respeitáveis. Mas a sua luta somente tem dado resultados porque os operários são co-responsáveis em tôdas as questões da produção e porque, hoje em dia, numerosos membros da Livre Federação dos Sindicatos Alemães, como fiduciários e chefes sindicais, estão na chefia das suas fábricas e porque, pelo trabalho coroado de êxito, provam que tudo vai melhor sem os grandes capitalistas.

3.405.700 MEMBROS DA LFSA

O número de membros dos sindicatos, em agosto-setembro de 1946, era o seguinte:

		% s/ total da população
Zona soviética de ocupação e Berlim	3.400.000 — 15%	população
Zona inglêsa	1.500.000 — 7%	"
" americana	830.000 — 5%	"
" francêsa	235.000 — 4%	"
Total	5.965.000 — 8,7%	"

De relatórios parciais de setembro até novembro de 1946, pode-se contar com um acréscimo de número de membros, numa média mensal de 3% a 4%. Assim, o número de membros dos sindicatos, em tôda Alemanha, hoje, deve ser de 6.500.000.

Uma comparação do número de membros dos sindicatos com o númreo total dos operários só é possivel para Berlim e para a zona soviética. Ali são organizados, nos sindicatos, mais ou menos 48% de todos os operários e operárias.

A distribuição por ofício dos 3.400.000 membros da Livre Federação dos Sindicatos e Industriais dá o seguinte quadro:

1.	construção	279.000
2.	vestimenta	88:700
3.	mineração	152.000
4.	química	255.000
5.	gráfica	67.000
6.	madeira	126.000
7.	estrada de ferro	238.000
8.	corrêios	80.000
9.	comércio e transportes	73.000
10.	campo e floresta	191.000
11.	couro	49.000
12.	metal	541.000
13.	textil	220.000
14.	alimentos e congêneres	176.000
15.	administração e serviços públicos	532.000
16.	profissões liberais e artistas .	45.000
17.	professores e educadores	62.000
18.	empregados	231.000
	Total	3.405.700

OS ASES DO ANTI-COMUNISMO

(Conclusão da 4.ª pág.)

Mr. Bullitt se coloca hoje na categoria dos remanescentes fascistas e reacionários ultra-otimistas, isto é, dos que acreditam possivel a guerra contra a Pátria do Socialismo, não dentro de 15 anos, mas de 15 dias...

Hoje, com Truman no poder, traindo as diretivas de Roosevelt e servindo aos grupos imperialistas mais agressivos que sobreviveram ao nazismo. Mr. Bullitt acha que chegou a hora da revanche. E mais uma vez brada por ação imediata contra a União Soviética, ameaçando-a também com a bomba atômica — "âncora de salvação" que a reação mundial julga ter encontrado desde que caíu por terra a fortaleza nazista.

A RENÚNCIA DO DITADOR

(Conclusão da 4.ª pág.)

de leite condensado, canetas-tinteiro, baralhos e artefatos de matéria plástica.

Alguns números estatísticos do ano passado esclarecem o assunto. De janeiro a novembro de 1946, importamos .... Cr$ 2.423.729.000,00 na classe das máquinas, aparelhos, ferramentas e utensilios. Na classe de manufaturas de ferro e aço, importamos Cr$ 825.189.000,00. Mas a classe, que atingiu mais alto valor, é designada com o título de "outros produtos", sumariamente, e sua importação se elevou a Cr$ 5.069.611.000,00! Sabemos o que são êsses "outros produtos", precisamente as "contas de vidro" e as bugigangas, que invadiram o mercado brasileiro.

Como em tudo o mais, o inepto govêrno Dutra chegou tarde. Agora, que a situação favorável de nossa balança comercial se encontra quase em vias de extinção, baixou a Superintendência do Crédito e da Moeda uma instrução, estabelecendo o sistema de prioridades no comércio importador, medida que deveria ter sido tomada há muitos meses atrás.

Além de tardia, a providência é vaga e imprecisa, não estabelece nenhum plano, não regulamenta coisa alguma. Parece mais um balão de ensaio, para sondar as correntes atmosféricas. E, através dos jornais de Chateaubriand e Roberto Marinho, já se faz sentir a resistência do comércio importador de bugigangas, esgrimindo, principalmente, o argumento da "defesa" do consumidor nacional, que estaria precisando dos baratíssimos produtos ianques...

Não podemos esperar que a ditadura, tantas vezes provada no seu impatriotismo, venha realmente a dirigir uma firme política de salvação nacional no campo do comércio exterior. Não fará mais do que demagogia, proclamando oficialmente restrições nisso ou naquilo, mas beneficiando, por debaixo do pano, os amigos da camarilha ministerial. Somente um govêrno com ampla base popular, um govêrno de confiança nacional, poderá enfrentar o imperialismo num terreno indiscutivelmente tão difícil e decisivo, como é o do comércio exterior.

Apesar de tantas provocações dos falsos democratas contra Perón, o fato é que, já há bastante tempo, o govêrno argentino exerce o monopólio do comércio exterior, protegendo, assim, a economia do seu país, com um vigor irritante para Truman e os "big businessmen" de Wall Street.

PLANO DE ESTRANGULAMENTO DA ECONOMIA NACIONAL

Depois do que demonstramos acima, somado ao que tantas vezes denunciaram Prestes e os comunistas, não pode restar dúvida de que, no interêsse de uma pequena camarilha ligada ao imperialismo, a ditadura Dutra vai, passo a passo, executando um plano de estrangulamento da economia nacional. E, como disse Prestes na sua última entrevista, a incrível e estúpida política de produzir para não vender. E, então, amontoa-se o açúcar no norte, apodrece o arroz no Rio Grande do Sul, fecham-se as tecelagens em São Paulo. A pretexto de combate à inflação, comprime-se o crédito bancário, cessa o financiamento à indústria, à lavoura e à pecuária, e ainda se restringe drasticamente a exportação, num país de tão reduzido mercado interno. Mas, ao mesmo tempo, são abertas tôdas as portas às quinquilharias de "Tio Sam" e são permitidas as mais rendosas negociatas aos Correia e Castro, Guilherme da Silveira, Simonsen e Cia.

A propósito da restrição de exportação de tecidos, podemos ver o seu resultado no fato de que, no período de janeiro a setembro de 1946, exportamos menos Cr$ 313.759.000,00 de tecidos do que em idêntico período de 1945. E isso é tanto mais criminoso, quando tínhamos mercados assegurados no exterior, mercados que agora perdemos.

Parecerá estranho que um órgão de aspecto respeitavelmente conservador, como o "Jornal do Comércio", não regateie aplausos à orientação econômica da ditadura e fale, com tanta insistência, na defesa do consumidor nacional contra a ganância de nossa indústria, que apenas teria interêsse pelos lucros extraordinários... Desconfiemos do "amigo da onça", que demonstra tamanho carinho pelo consumidor nacional. Atrás dêsse despistamento, o que realmente se quer defender é o grande negócio das bugigangas dos agentes dos monopólios ianques e, também, o pequeníssimo grupo de poderosos banqueiros e industriais, que está aproveitando largamente as falências dos concorrentes mais fracos e necessitados de crédito.

UMA SOLUÇÃO POLÍTICA PARA OS PROBLEMAS ECONÔMICO-FINANCEIROS

Os problemas econômicos e financeiros de nossa Pátria não podem ser resolvidos isoladamente. A sua solução, em primeiro lugar, é de ordem política e importa, precisamente, na exigência de renúncia do inepto ditador Dutra e a sua substituição por um autêntico govêrno de confiança nacional.

Com o apôio do povo e representando realmente tôdas as tendências políticas do país, exclusive os traidores vendidos ao imperialismo, poderá êsse govêrno de confiança nacional iniciar a distribuição de terras aos camponeses brasileiros, ao invés de trazer imigrantes fascistas da Europa. Um govêrno depositário da confiança nacional poderá estimular a indústria e a agricultura, estabelecer e executar um plano de industrialização e cortar os laços de dependência, que amarram a economia nacional aos monopólios ianques e ingleses, orientando o nosso comércio exterior no sentido relações, de igual para igual — que só poderão ser as mais vantajosas — com a União Soviética, a França, a Itália e os países da América Latina e da Europa centro-oriental.

E' o que exigem, em nossos dias, os mais sagrados interesses do povo brasileiro.

A Liberdade De Imprensa

(Conclusão da 5.ª pág.)

deiras só surgirão no regime edificado pelos comunistas e no qual já não haverá a possibilidade objetiva de submeter a imprensa, direta ou indiretamente, ao poder do dinheiro; no qual será possível a cada trabalhador (ou a cada grupo de trabalhadores, seja qual fôr seu número), possuir e exercer o direito, igual para todos, de utilizar as tipografias públicas e o papel público.

A "CLASSE OPERÁRIA"

Diretor Responsável:
Maurício Grabois

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
17.º and. — Salas 1711 - 1712
Rio de Janeiro - Brasil - D.F.

ASSINATURAS:

Anual	Cr$ 30,00
Semestral	Cr$ 15,00
Número avulso .	Cr$ 0,50
Atrasado	Cr$ 1,00

Defenderemos Contra Os Trustes...

(*Conclusão da 8.ª pág.*)

aquêles países que não se submetem aos trustes americanos a "lei" em 1944 pela qual será de exploração do petróleo para sistemàticamente impossibilitada a exportação de maquinaria e ingleses.

Daí chegar o general Távora, na sua exposição, não a uma solução para o problema da exploração do petróleo de acôrdo com os interêsses nacionais, mas a uma fatalidade: submetermo-nos, sem qualquer resistência, às imposições dos trustes americanos. Sem os trustes, nada estará feito. Sem os trustes, nem petróleo para exportar nem para o nosso próprio consumo.

Assim, do pessimismo sôbre a existência de petróleo em condições comerciáveis, o general Távora passa naturalmente à política da capitulação em face aos trustes. Segundo s. s., é inutil tentar resistir. Mas o general Távora também não pensa sequer numa possibilidade de resistência. Ao contrário, justifica que tenhamos de agir dessa maneira: "Precisamos cooperar na defesa do Continente!" Na sua conferência, falou muito sôbre a "política internacional" que devemos fazer em relação ao petróleo; entretanto, êsse "internacional" fica limitado ao continente americano. O general baseia o seu argumento na probabilidade ou quase certeza de uma guerra "com outro continente". Mas não mencionou êsse continente que seria o inimigo potencial. Deixou, no entanto, bem claro que a nossa participação nesse suposta guerra seria resultante da nossa política "de solidariedade" com os Estados Unidos. Em tal caso, afirmou, nem que venhamos a andar a pé, devemos entregar o nosso petróleo aos americanos para ajudar a defesa do Continente! E não lhe passou pela mente a possibilidade também de uma guerra defensiva do nosso povo contra os imperialistas americanos, guerra que encontraria a nossa principal fonte de riqueza em mãos dos nossos inimigos. Não devemos esquecer que pela sua independência em face à agressão dos imperialistas ianques tiveram de lutar mexicanos e cubanos. Certamente isso não era panamericanismo.

Assim, teremos dentro em breve um ante-projeto de Estatuto do Petróleo como os próprios trustes norte-americanos talvez jamais sonharam, pois nós "*devemos reconhecer com inteligência e calma essa realidade*" como diz o sr. Odilon Braga. E a "realidade" é a pressão da política imperialista de Truman sôbre os países da América Latina.

Devemos lembrar que foi a "fatalidade" de um periodo de dominação nazista sôbre o mundo que levou muitos homens de responsabilidade na Europa e em outros continentes a capitularem diante das ameaças de Hitler.

Não estamos em situação de desespêro. Ao contrário, temos confiança nas nossas próprias fôrças, no nosso povo, que saberá fazer sacrifícios, no patriotismo de muitos dos nossos industriais que não desejam submeter-se aos imperialistas. Temos possibilidade de realizar o financiamento da exploração do nosso petróleo através de um empréstimo interno ou do Banco Internacional, libertando-nos assim da opressão dos trustes. Um govêrno patriota, de confiança do povo, encontraria diversos caminhos para uma saida honrosa para o nosso país.

Os comunistas, hoje como ontem, saberão lutar pelos interêsses do povo, pelos interêsses da classe operária, e estão certos de que na sua luta, hoje como ontem, contarão com inúmeros aliados: todos os verdadeiros patriotas, todos os democratas, todos os que desejam dias melhores para o povo e não querem vê-lo dominado pelos senhores do capital estrangeiro colonizador.

A Câmara, dentro em pouco, estará debatendo o ante-projeto do Estatuto do Petróleo que está sendo elaborado. E não é por acaso que o grupo fascista da ditadura trata de "extinguir" os mandatos dos mais legítimos representantes dos interêsses da classe operária e do povo, os parlamentares comunistas. A reação, os restos do fascismo, os imperialistas sabem que no debate de tais assuntos os comunistas estarão sempre intransigentemente com o povo que os elegeu. E por isso tem tanta pressa em retirar da Câmara os deputados comunistas, os mais decididos lutadores contra a opressão de nossa Pátria pelos trustes norte-americanos.

E' dever, portanto, dos trabalhadores e do povo lutar também, enèrgicamente, contra mais essa tentativa de golpe do grupo fascista ditatorial, que fere a vontade da classe operária e do povo expressa nas urnas.

Finalmente, o general Távora olha para os grandes trustes petrolíferos que tratam de açambarcar o nosso petróleo como se fôssem uma espécie de **sociedades beneficentes**. "*Eles têm tanto interêsse quanto nós na exploração do nosso petróleo, mais ainda, talvez*" — disse textualmente o general conferencista.

E com tais premissas e tais conclusões, o general Távora dá por encerrados os debates, devendo, agora, com sua consciência tranquila, dar seu parecer favorável, na Comissão de Legislação do Petróleo, à capitulação ante a ofensiva imperialista.

A PALAVRA DO SR. ODILON BRAGA

Durante a conferência do general Távora, o sr. Odilon Braga deu o seguinte aparte num debate:

— O problema do petróleo no Brasil é fundamentalmente um problema político.

Estamos de acôrdo com o ex-ministro da Agricultura. E por isso achamos que sua solução também tem que ser uma solução política. Mas essa solução política deve ser favorável aos interêsses do nosso país, e não aos interêsses imperialistas.

Entretanto, o presidente da Comissão de Legislação do Petróleo está inteiramente de acôrdo com o general Távora quanto à "fatalidade" da exploração do nosso petróleo pelos trustes, depois de reconhecer, na sua entrevista a "O Jornal", em palavras não muito claras, que os imperialistas manobram com o petróleo.

"*E em se tratando de petróleo — diz s. s., — o capital pode atuar como instrumento do império. Devemos reconhecer com inteligência e calma essa realidade e levá-la na devida conta ao redigir o nosso Estatuto do Petróleo*". **Quer dizer**, não podemos fugir à "fatalidade", temos que nos submeter a ela.

Em seguida, o sr. Odilon Braga sofisma com um suposto "mal menor": Os trustes não ficarão como proprietários dos poços petrolíferos, a União conserva a sua propriedade. E' uma espécie de consôlo que nos dá o sr. Braga. Mas tal consôlo não existe, porque em parte nenhuma interessa fundamentalmente aos trustes a propriedade das jazidas petrolíferas, pelo simples fato de que o petróleo se esgota num periodo mais ou menos curto. O que **interessa** fundamentalmente aos trustes, é apenas a exploração do petróleo em tôdas as suas fases. "*Se a União ficar como proprietária das jazidas* — afirma o sr. Odilon Braga — *o seu aproveitamento poderá ser contratado com emprêsas de que participem estrangeiros, até mesmo em maioria e isso sem maiores inconvenientes*".

Como se vê, o presidente da Comissão de Legislação do Petróleo é ainda mais "liberal" do que o general Juarez Távora.

Semana Parlamentar

(*Conclusão da 3.ª pág.*)

merosas categorias de servidores públicos.

DEFESA DOS DIREITOS AUTORAIS — O deputado comunista Jorge Amado concluiu um discurso iniciado no dia anterior sôbre um seu projeto para proteção dos direitos autorais. O projeto, diz, interessa à cultura brasileira e, particularmente, aos escritores brasileiros, procurando estabelecer em definitivo as bases do direito autoral, regulando-se e entregando à associação profissional dos escritores, a ABDE, a defesa desses direitos.

Amado

O SUBSTITUTIVO AFONSO ARINOS — O deputado José Maria Crispim, representante da bancada comunista na Comissão de Constituição da Justiça, leu seu parecer contrário à mensagem do Executivo sôbre a reforma de militares, «tomando como ponto de partida o voto do deputado udenista Afonso Arinos, por ser o que mais serve aos objetivos do govêrno». O deputado Crispim demonstra ser inconstitucional o substitutivo Afonso Arinos, que abre as portas para a perseguição pelo grupo fascista aos militares que não se prontifiquem a executar suas manobras. Mostra o deputado comunista que o projeto em apreço visa dar ao govêrno uma arma para cortar a carreira de todos os seus adversários políticos, pois, uma vez aprovado, seria muito fácil a acusação de «comunista». Se aprovado o ignominioso projeto, acrescentou, vai ferir as melhores tradições democráticas do nosso Exército e contribuir para a formação da máquina militar que uma potência imperialista — os Estados Unidos — tenta montar no continente.

Crispim

Na Comissão de Justiça, apenas o representante do Partido Comunista e do PTB votaram contra o projeto.

EXTINÇÃO DE MANDATOS — O deputado João Amazonas trata do novo atentado contra a Constituição que está sendo tramado pelo grupo fascista, através de representantes do PSD, visando «extinguir» os mandatos dos deputados comunistas eleitos pelo povo nas primeiras eleições que se sucederam ao «Estado Novo». O deputado Amazonas mostra o perigo que corre a própria vida do Congresso, desde que seja mutilado, como projetam os agentes da ditadura Dutra. E concita o povo a mobilizar-se em defesa de seus representantes, transformando a tentativa fascista numa grande campanha pela renúncia do Ditador. (O discurso do deputado João Amazonas vai resumido noutro local).

COMO LUTOU O MÉXICO

(*Conclusão da 8.ª pág.*)

autoridades do México, atitude que mantiveram até agora, como o comprova a propaganda patrocinada pela Standard tão em aberta e achincalhante rebeldia contra as leis e as Oil Company de New Jersey."

Era a revolta aberta o que pregavam e praticavam contra a Constituição mexicana de maio de 1917, quando, ainda segundo o referido documento, "... as empresas petrolíferas estabelecidas no país iniciaram uma oposição sistemática contra a Constituição, lei regulamentares e demais dispositivos legais."

Quando se deu a expropriação, portanto, as empresas imperialistas donas do petróleo mexicano, havia 20 anos que se tinham declarado de forma "aberta e achincalhante em rebeldia" contra as leis do país.

Já em 1918, devido a novas exigências da Nação mexicana traduzidas em leis, as companhias petrolíferas criavam um caso internacional, e os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França, defendendo os interesses dos respectivos grupos imperialistas, intervieram junto ao govêrno de Carranza, que repeliu energicamente essa nova intromissão do capital financeiro.

Referindo-se a êsse periodo da questão petrolífera no México, diz o documento do govêrno Cardenas:

"Não há, pois, nesse periodo, certamente, nenhuma "confiscação" por parte da Nação mexicana dos interesses estrangeiros que controlam a indústria do petróleo no país. O que há é o desacato ostensivo à Constituição do México e às leis e dispositivos de suas legítimas autoridades."

Durante o govêrno do presidente Obregon, depois de dezembro de 1920, quando três meses mais tarde nos Estados Unidos Wilson era substituido por Harding, iniciava-se uma nova ofensiva das empresas petrolíferas — tendo à frente sempre a Standard — contra a soberania da nação mexicana. As palavras com que o documento do govêrno Cardenas descreve êsse novo periodo da luta anti-imperialista no México merecem ser lidas hoje para nos alertar do perigo que corremos:

"Os interesses estrangeiros, na indústria do petróleo no **México** aproveitaram essa transmissão (de governos) para insistir, com renovado empenho, em sua política tendente a conservar seus privilégios, servindo-se de poderosas influências que chegaram a impressionar aos funcionários do govêrno americano, que acabou por propôr ao govêrno provisório do México, presidido pelo sr. De La Huerta, a assinatura de um protocolo de reconhecimento condicional, que naturalmente foi recusado."

O govêrno dos Estados Unidos (Harding) propunha simplesmente que as concessões petrolíferas do México a empresas norte-americanas deveriam reger-se não pela Constituição em vigor, de 1.º de maio de 1917, mas pela Constituição de 1857 e pela legislação vigorante até aquela primeira data. Era a condição exigida para o restabelecimento das relações diplomáticas, rompidas pelo govêrno americano, a fim de pressionar o México a ceder às empresas imperialistas.

Wilson fôra substituido por uma espécie de Truman. Wilson tinha coragem bastante para desmascarar o jogo imperialista contra o México, quando escrevia, em plena guerra imperialista mundial, em outubro de 1915:

"Nenhuma emprêsa capitalista pode olhar o México sem cobiçá-lo. A diplomacia estrangeira com a qual amargamente se familiarizou, é a "diplomacia do dolar", que quase invariàvelmente lhe tem forçado a dar preferência aos interêsses estrangeiros **sôbre** os seus próprios. O que o México necessita, acima de tudo é ajuda econômica que não implique a venda de sua liberdade nem a escravidão de seu povo.

"A propriedade em mãos de estrangeiros e de empêsas manejadas por estrangeiros nunca estará a salvo no México enquanto sua existência e sua maneira de conduzir-se levante as suspeitas e, ocasionalmente, o ódio do povo do mesmo país.

"Falo de um sistema e não formulo uma acusação. O sistema pelo qual o México tem sido ajudado financeiramente no **passado**, geralmente o amarrou de pés e mãos e o deixou sem um govêrno livre. Em quase todos os casos privou seu povo da parte que êle tinha direito de desempenhar na determinação de seu próprio destino e desenvolvimento."

Wilson foi uma exceção. Invariàvelmente, os **govêrnos** americanos defenderam os interêsses dos trustes contra os povos por êles explorados. As palavras de Wilson caiam no vácuo. As companhias petrolíferas eram uma potência bastante respeitável para travarem sòzinhas uma batalha contra um país econômicamente fraco. A Standard continuou a se imiscuir nos negócios internos do México com o descaramento de sempre. Em seus ataques contra o govêrno mexicano, a Standard o "acusava" de haver decretado leis trabalhistas regulando os contratos coletivos de trabalho e as disputas entre empregados e **patrões**, respondendo-lhe nestes termos o govêrno Cardenas:

"Não se concebe como a Standard Oil Company possa trazer como argumento ...o fato de haver escolhido (o México) o mesmo caminho dos demais países civilizados. Já que nenhuma legislação do trabalho, tribunais de trabalho e contratos coletivos de trabalho existem em tôda parte, não podendo qualificar-se essa evolução da respectiva legislação como um processo mundial que cerca para o confisco".

E, de modo mais direto, acrescentava:

"A explicação desta aparente e absurda interpretação deve encontrar-se em que tôda intervenção do poder público nesta matéria tinha que significar uma limitação às práticas abusivas das emprêsas na forma de tratar seus trabalhadores, tanto na ordem econômica como social. Tais abusos puderam ser sanados, em grande parte, graças precisamente a esta legislação que cominou às companhias, muito a seu pesar, a considerar as exigências humanas de seus trabalhadores".

Foi uma luta longa, desigual, uma terrivel luta, essa que travou o México para resguardar-se, pelo menos em parte, da exploração imperialista ianque, depois de haver a custo podido livrar-se da opressão pura e simples pela fôrça, necessitando para isso lutar, derramar sangue de seus filhos em defesa da sua soberania territorial, a qual, entretanto, ainda assim foi mutilada.

E' uma luta que não terminou ainda, mas que nos transmite exemplos magníficos, em todos os sentidos, advertindo-nos também sôbre o nosso futuro. Mostra os perigos a que estamos expostos, entregando à exploração imperialista uma fonte de riqueza fundamental para a emancipação econômica do nosso país. Mais do que qualquer outra concessão, a concessão do petróleo a empresas estrangeiras reforça a dominação do país pelo imperialismo. As estradas de ferro podem deixar de ser rendosas, os serviços portuários interessam apenas relativamente, os negócios de frigoríficos ficam à mercê das boas ou más condições para a criação e das vacilações do **mercado** internacional. Enquanto as emprêsas petrolíferas, — um dos monopólios mais fechados da atualidade, depois da guerra, pràticamente, nas mãos da Standard norte-americana e da Shell inglesa — *impõem* sua vontade, de forma absoluta, em todo o mundo capitalista, concessionárias que são de 90% do petróleo mundial.

Infeliz a Nação que entrega seu petróleo aos trustes estrangeiros. Terá que se submeter de pés e mãos atados ao imperialismo, estagnar e retroceder. Somente depois de uma revolução popular pôde o México iniciar uma legislação que conduziu à meia libertação do país, pois que a Revolução, dirigida pela pequena burguesia, ficou a meio caminho. No entanto, nós devemos concluir que só com a vitória do socialismo poderemos libertar o Brasil das garras do imperialismo, como aconteceu à União Soviética. Basta, para tanto, que tenhamos um govêrno ligado ao povo, um govêrno que represente os interêsses de tôdas as classes, do proletariado inclusive, com acontece hoje na Europa oriental, na Polônia, na Iugoslávia, na Bulgária, na Rumânia e na Hungria, em alguns de cujos países a produção petrolífera esteve sempre sob dominação imperialista, mantendo-os, em pleno século 20, com um atraso de séculos, com restos feudais na sua economia, iniciando-se sòmente agora seu novo caminho para o progresso.

O govêrno Dutra segue caminho oposto àquêle. Segue o caminho da política que interessa apenas a um reduzido grupo de industriais mais ligados ao latifúndio e ao imperialismo. E entrega as bases da nossa economia aos trustes norteamericanos. E' o govêrno dos exploradores contra a classe operária e o povo. E', já agora, para poder manter-se, uma simples ditadura, pois sem métodos ditatoriais não poderia avaliar o caminho para a maior exploração imperialista de nosso país. Como nos mostram os exemplos do México, as empresas petrolíferas precisam de escravos, e é a isso que tenta a ditadura reduzir os nossos trabalhadores, através da monstruosa perseguição que lhes move, fechando do seu Partido e suas organizações de classe e preparando novos golpes que consolidem o poder do grupo fascista.

Você leu?

(*Conclusão da 3.ª pág.*)

dassem de opinião êsse mesmo general Dutra e seus amigos do grupo fascista, contrários ainda em março de 1945 à anistia, mas subscrevendo-a diante do impulso da luta de massas no mês seguinte, em 18 de abril".

— Essa exigência da renúncia imediata do Sr. Dutra não pode significar uma instigação ao golpe?

— "Não. Não venham nos dizer que exigir a renúncia de Dutra significa instigar ao golpe militar contra o govêrno. Hoje, só um golpe ameaça a Nação, golpe contra os restos ainda em vigor da violada Constituição, e golpe que só pode ser feito pelos generais fascistas que ocupam as posições chaves de nossa organização militar, — os Góis Monteiro, os Alcio, os Canrobert e poucos mais. São êstes senhores que com o ditador Dutra à frente ameaçam hoje o Parlamento, ameaçam de intervenção nos Estados da Federação, ameaçam a liberdade de imprensa, ameaçam os direitos fundamentais do cidadão".

Debates Sôbre o Petróleo

Defenderemos Contra Os Trustes As Nossas Jazidas De Petróleo

As opiniões do general Juarez Tavora e do sr. Odilon Braga não refletem os interêsses do povo Brasileiro

Quarta-feira, 11, o general Juarez Távora fêz no Clube Militar a última de uma série de conferências sôbre o petróleo no Brasil. No "O Jornal" de domingo, 8, outro membro da Comissão de Legislação do Petróleo, o ex-ministro da Agricultura, sr. Odilon Braga, focalizava, em entrevista, o mesmo importante assunto.

São opiniões de dois homens responsáveis pela elaboração de um ante-projeto de Estatuto do Petróleo que chegam até o povo e mostram qual a orientação que está sendo seguida na elaboração de um projeto de lei que poderá decidir da sorte de uma das mais importantes fontes de riqueza do nosso país.

O interêsse com que foi recebida a conferência do general Távora, as perguntas que lhe foram dirigidas, revelaram quanto o povo brasileiro é cioso de sua independência política e de sua emancipação econômica. Isso pelo menos deve ter sido constatado pelo conferencista no seu contacto com pessoas das diversas classes sociais. Aliás, o fato do general Távora trazer o debate a público revela que há também interêsse de sua parte para auscultar a massa, verificar de perto como os homens do povo estão pensando sôbre o problema do petróleo, que neste momento empolga todo o país. Isto poderá ser de grande utilidade para o prosseguimento de seu trabalho de membro da Comissão de Legislação do Petróleo, fazendo com que s. s. modifique seu ponto de vista sôbre diversos aspectos do assunto em debate.

No entanto, devemos confessar que o general Távora demonstrou quase intransigência nas principais conclusões a que já chegou. E muito dificilmente tomará rumos diversos dos que ja se traçou. De início, o general Tavora se penitencia hoje do seu trabalho de há 17 anos passados na elaboração do Código de Minas, achando que, conhecendo melhor a realidade mundial e brasileira, evoluiu e já não é um "jacobinista" em tais assuntos. Assim, ficou clara a sua conferência que defender intransigentemente a soberania nacional, opôr-se à entrega das nossas riquezas aos grandes trustes internacionais — é ser jacobino. E o general prefere então ser — "liberal".

Mas da conferência do Clube Militar se conclui que para o general Távora ser "liberal" é preciso simplesmente abrir as portas do país às emprêsas monopolistas, aos grandes trustes norte-americanos que há tanto lutam pelo domínio do nosso petróleo e que se consideram agora vitoriosos.

O general Távora ainda é um pessimista em relação ao nosso petróleo. E' outra conclusão que nos deixou a sua conferência. Falando embora em 3 milhões de quilômetros quadrados de terrenos "provàvelmente petrolíferos" em nosso país, o general Távora não vê no entanto nenhum indício de que possamos produzir petróleo "comercialmente", isto é, em condições suficientes para justificar uma exploração continuada e intensa. Carrega s. s. o velho ranço daqueles que categòricamente afirmavam a não existência do petróleo no Brasil, como o engenheiro Oton Leonardos e outros "pessimistas" por profissão. O pessimismo do general Távora talvez será resultante apenas da não evidência de uma produção superior, na Bahia, e da não localização de novos campos petrolíferos noutras regiões.

Não leva em conta s. s. que pràticamente a exploração do nosso petróleo tem sido sabotada, mesmo depois de haver o sr. Oscar Cordeiro conseguido as primeiras amostras de Lobato, quando os "pessimistas" profissionais caluniaram aquêle pesquisador, afirmando que as amostras em apreço eram provenientes do Uruguai. Na prática, continuou o nosso petróleo sabotado, mesmo depois de haver aparecido em relativa abundância, a 21 de janeiro de 1939, no Lobato. Passaram-se desde então 8 anos, e que fizeram o govêrno Vargas ou o govêrno Dutra para intensificar a exploração e as pesquisas? Umas miseráveis sondas, inclusive das de tipo mais primitivo, eram utilizadas para as sondagens. Enquanto isso, o engenheiro norte-americano Glen Ruby afirmava, já em 1942: " *Brasil, para ser convenientemente abastecido, precisa receber pelo menos um navio tanque por dia, contendo cerca de 5.000 toneladas de petróleo. Entretanto, bastaria que três navios tanques carregassem o mesmo número de toneladas em tubulações, perfuratrizes, aparelhamentos de pesquisas e equipamentos para refinarias, e nunca mais precisariam retornar ao Brasil*".

Mas existe um "agreement" assinado entre a Standard e

(Conclui na 7.ª pág.)

COMO LUTOU O MEXICO
CONTRA OS TRUSTES DE PETRÓLEO

RUI FACÓ

Nos debates travados nestas últimas semanas em tôrno do petróleo em nosso país, têm vindo à baila exemplos de outros países na solução do mesmo problema, sobretudo a nacionalização do petróleo argentino e a expropriação do petróleo mexicano, ao tempo de Cárdenas. Infelizmente, êsses exemplos não são aprofundados para que possam servir de orientação aos que se interessam por um dos assuntos mais importantes do momento.

jornalista RUI FACÓ

Não está portanto fóra de propósito relembrar alguns fatos salientes da questão petrolífera mexicana, que foi uma verdadeira batalha entre os interêsses nacionais de um país semi-colonial e o imperialismo norte-americano e inglês. A siglaterra criou uma questão internacional e romtuação chegou a tal ponto que o govêrno da Inpeu relações com o govêrno do México, acusando-o violentamente. Era a mais cínica proteção aos interêsses de emprêsas imperialistas pelo govêrno reacionário da Inglaterra, que entretanto fazia as mais infames concessões a Hitler e Mussolini, estimulando-os à guerra contra a União Soviética.

Enquanto isso, procurando igual proteção do govêrno dos Estados Unidos, a Standard desencadeou contra o govêrno mexicano, suas leis e o próprio povo mexicano a mais sórdida campanha de calúnias e mentiras, tratando, em última análise, de fazer prevalecer suas imposições sôbre a própria Constituição do México.

O govêrno de Cárdenas, corajosamente, porque apoiado por tôdas as fôrças progressistas do país, em particular pela classe operária e os trabalhadores mais diretamente explorados das companhias petrolíferas, desmascarou tôda a trama de intrigas tecida pela Standard numa custosa propaganda na imprensa reacionária do México, em folhetos e sobretudo através das agências telegráficas dos Estados Unidos, visando, como então declarou em documento o govêrno de Cárdenas, justificar a intervenção oficial do govêrno respectivo, "tão continua e imperiosamente exigida".

Determinada a expropriação, por meios legais, o govêrno mexicano autorizou o pagamento às companhias expropriadas, depois de avaliadas as suas propriedades de acôrdo com documentos das próprias emprêsas. Estas, no entanto, recusaram receber as indenizações e em seguida alegaram que o govêrno do México não queria nem podia pagar-lhes. Acusaram o ato do govêrno mexicano de "confisco" e não expropriação.

Sem meias palavras, o documento então divulgado pelo govêrno do México afirmava que "as companhias expropriadas, baseando-se exclusivamente em sua poderosa organização econômica e no apôio que, de modo sistemático, ainda que sem o conseguir às vezes, solicitam de seus governos, podem permitir-se que, além de obter um lucro desproporcional às suas inversões, desrespeitem as leis do país, não reconheçam o mandato das autoridades legítimas, paguem os impostos que lhes convêm, mantenham uma situação privilegiada e especial em relação às condições de trabalho e pretendam tratar, em suma, aos governos da América com métodos mais deprimentes que os que empregam nos países coloniais."

E acrescentava o documentário do govêrno mexicano:

"Quando o México, em defesa de seus direitos essenciais como Nação independente, resiste e repele tais ultrajes à sua soberania e dignidade, as empresas petrolíferas... procuram, por todos os meios, enganar a opinião pública, recorrendo a uma custosa e intensa propaganda; pressionam, ameaçando com duras represálias, aos manufatureiros americanos... para evitar que vendam seus produtos ao México... fomentam a discórdia para perturbar as boas relações de povos e governos...

E realmente, já nessa época, casas comerciais e fábricas americanas, em represália pela expropriação das empresas petrolíferas, recusavam fornecer seus produtos a firmas mexitar a exploração da riqueza petrolífera do país pelos nacionais. Ainda hoje o México canas, procurando assim sabosofre as consequências dessa política, que tem por finalidade de baixar a produção do petróleo mexicano e forçar o govêrno a recuar da posição de Cárdenas, restabelecendo privilégios e vantagens ilimitadas às empresas imperialistas.

Ao mesmo tempo, a Standard e demais companhias estrangeiras faziam exigências tais que sua aceitação — argumentava o govêrno mexicano — significaria a passagem a um regime corporativo, fascista, que imporia aos trabalhadores mexicanos condições de trabalho que seus exploradores considerassem mais convenientes.

Conhecendo êstes fatos de há dez anos passados, não nos surpreende que o govêrno Dutra tenha necessidade de converter-se numa ditadura, intervir nos sindicatos operários, fechar as uniões sindicais e a Confederação dos Trabalhadores e levar o Partido Comunista à ilegalidade. Teria fatalmente que trilhar êste caminho, desde que cedera à pressão dos imperialistas norte-americanos e resolvera, revendo o nosso Código de Minas, entregar-lhes a exploração das nossas jazidas de petróleo. Para implantarem efetivamente o seu domínio em nossa Pátria, os imperialistas deverão recorrer inclusive a leis trabalhistas do "Estado Novo" e forçar a elaboração de outras leis que lhes permitam utilizar da melhor forma possível a fôrça de trabalho em nosso país. Assim acontece em todos os países onde o petróleo e outras riquezas fundamentais se encontram em poder dos imperialistas. Assim ocorreu também no México, segundo a denúncia feita então pelo govêrno de Cardenas, que lançou sôbre as companhias petrolíferas esta acusação:

"Abusando de uma situação a que estavam acostumadas, não só de privilégio mas de verdadeira libertinagem na exploração dessa riqueza nacional, declararam-se desde en-

(Conclui na 7.ª pág.)

10 — Nas reuniões de seu Partido, o Partido Comunista, vanguarda do proletariado e do povo, Prestes é o grande mestre que já se revelara desde a juventude, o professor que ensina a seus discípulos como lutar por melhores dias para o nosso povo, como lutar pela conquista de um futuro digno para a nossa Pátria.

11 — Na Assembléia Constituinte, o Senador do Povo focaliza geralmente os principais problemas do povo, apontando as soluções justas para êsses problemas. Faz agora um ano que Prestes pronunciou um de seus mais famosos discursos, versando o problema da terra e mostrando que sòmente através da reforma agrária iniciaremos a libertação da grande maioria da população do país e desfiremos um golpe de morte na base da reação.

12 — Mas os latifúndios continuam, e sôbre êles se apoiam os restos do fascismo, os agentes do imperialismo, a Ditadura Dutra, hoje, como a Ditadura getulista, ontem. Mais uma vez a democracia é golpeada por antigos pré-nazistas, como Dutra, Alcio Souto, Canrobert, Góis Monteiro, Costa Neto e meia dúzia de outros inimigos dos trabalhadores e do povo. Os trabalhadores e o povo sabem no entanto que o eclipse atual da democracia em nosso país será passageiro. E confiam, mais do que nunca, em Prestes, porque sabem que o futuro pertence ao povo e não aos tiranos.